

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHia



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens munimenta virorum

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1897

SUMMÁRIO

OBJECTOS ROMANOS ACHADOS EM CORUCHE.
AOS COLLECCIONADORES PORTUGUESES.
ANTIGUIDADES DE TRÁS-OS-MONTES.
NECESSIDADE DOS ESTUDOS CLASSICOS.
UMA LAPIDE DO CASTELLO DE OLEIROS DA BEMPOSTA (MOGADOURO).
UMA PROBLEMA EPIGRÁPHICO.
MUSEU MUNICIPAL DE BRAGA.
ANTIGUIDADES ROMANAS DAS VIZINHANÇAS DE NELLAS.
GRUTAS DO FURADOURO.
GRUTA DO SÊRRO DO ALGARVE.
A PHILATELIA.
ARCHEOLOGIA.
MUSEU MUNICIPAL DE BRAGANÇA.
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES DE 1758».
ACQUIZIÇÕES DO MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS.
BIBLIOGRAPHIA.

Este fasciculo vae illustrado com 12 estampas.



O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAIS E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. III

MARÇO E ABRIL DE 1897

N.º 3 E 4

Objectos romanos achados em Coruche

O Ex.^{ma} Sr. Visconde de Coruche, com uma generosidade que muito o honra, e que é mais uma prova do seu elevado criterio e illustração, dignou-se offerecer ao Museu Ethnographico Português uma interessantissima colleção de objectos da epocha romana, achados ao pé de Coruche, numa quinta de S. Ex.^a A offerta foi acompanhada de uma carta que a baixo se transcreve, e que dá á cêrca dos objectos valiosas noticias.

Opportunamente, se publicarão n-*O Archeologo* as respectivas estampas. Entretanto receba o nobre titular os meus maiores agradecimentos pela maneira como contribuiu para o engrandecimento do Museu Ethnographico Português.

J. L. DE V.

Remetto, e entrego ao arbitrio de V. uma pequena colleção de objectos que me parecem antiquissimos e proprios para musen público. Foram encontrados na minha propriedade da Quinta Grande, e a 2 ou 3 kilometros ao Sul da villa de Coruche, na margem esquerda do rio Sorraia. Foi em 1895 que, ao plantar uma vinha nos terrenos de arneiro, os trabalhadores acharam o primeiro e talvez o mais interessante dos objectos, que representa um pequeno gamo ou veado de metal, que me parece ser de cobre ou bronze. Os outros objectos, menos bem conservados, de ferro, e um pedaço de tijolo ou fragmento de barro cozido, que tambem remetto, achavam-se dispersos, mas todos á pequena profundidade de 2 a 3 palmos, e numa área que não excederia 200 a 400 metros quadrados de superficie. O terreno arenoso é pouco elevado e fica na proximidade de uma linha de aguas ou valle, atravessado, pouco acima, pela estrada que vai para Canha.

Os poucos fragmentos do mesmo barro que se encontram no local mostram que alli houve alguma construcção antiga, mas pequena.



talvez isolada; e a natureza dos objectos faz suppor que seria alguma casa ou officina de lavoura. Não se encontraram moedas nem armas; e quasi todos os objectos como *foices roçadouras*, *machados*, *trinchas* (especie de formão para abrir e limpar os buracos das rodas dos carros. Em Coruche tambem chamam *trincha* aos utensilios de lavoura em geral), etc., todos elles denotam ter sido applicados a fins ruraes, pacificos e laboriosos. Entre elles ha porém tres, designaes no tamanho mas iguaes na fórma, que parecem *limas*, mas cuja serventia não pude conjecturar qual fosse. A dúvida em que estava levou-me a examiná-las, e o acaso fez-me observar uma cousa que vou expôr-lhe com toda a reserva; em primeiro lugar porque sou leigo na materia, e é possível que seja cousa sabida e conhecida dos entendidos; em segundo lugar porque é possível ter-me enganado. Em todo o caso V. poderá verificar o que o acaso me fez notar e que consiste no seguinte:

Suspeitando que os taes ferros, muito enferrujados como os outros, fossem *limas*, lembrei-me de limar um d'elles para vêr se seria de aço. Este exame não me satisfaz, porque os tres exemplares tem um feitiço especial e differente do que hoje dão ás *limas*. Examinei, por isso, os outros objectos, e parecem ser todos do mesmo metal e da mesma têmpera. Esta observação não é indifferente; porque havendo, como ainda ha, utensilios quasi iguaes na fórma e nas serventias, como são as *foices roçadouras*, os *machados*, as *trinchas*, as *sacholas*, os *sachos*, etc., não é costume no nosso tempo fabricá-los todos de aço, mas sim de ferro, e só alguns d'elles são calçados de aço na parte cortante.

Mostra isto que os antigos davam uma têmpera especial aos seus ferros?

Como quer que seja, a analyse da qualidade e da têmpera dos metaes pôde talvez ser um indicio para ajuizar da authenticidade e da epocha dos objectos encontrados nas excavações. E tanto assim, que eu mesmo distingui com facilidade esses ferros de um outro pedaço de ferro de uma velha relha de charrua moderna, encontrado muito proximo do local em que estavam aquellas ferramentas e objectos antiquissimos. Tenho experimentado outros bocados de ferro enferrujado e disformes que tenho a certeza de serem modernos, e não conseguí ferir lume com nenhum d'elles; como aliás acontece com os exemplares que lhe remetto, aos quaes V. dará o destino que tiver por mais conveniente, se julgar que merecem ser conservados e expostos em estabelecimento público como o que V. dirige.

Sou, etc.—Lisboa, 20 de Fevereiro de 1897.

VISCONDE DE CORUCHE.

Aos colleccionadores portuguezes

Quando fundei *O Archeologo Português*, foi meu escopo não tanto inserir lá alguns dos resultados das minhas investigações, como principalmente chamar a attenção dos estudiosos, e provocá-los a publicar artigos e noticias á cêrca do que soubessem.

Muitos estudiosos, como se tem visto, acudiram ao chamamento; com as suas produções tem sido successivamente enriquecidas as paginas d'este periodico: mas quantos não ficaram calados, ou só raramente contribuíram com algum artigo, embora valioso?

A minha vida é muitissimo occupada; preciso de attender a bastantes assumptos: por tanto não posso consagrar-me exclusivamente a *O Archeologo*; e, se eu não receber ajuda de todos os que em Portugal se interessam pela Archeologia e sciencias congeneres, a publicação corre risco de acabar ou de afrouxar.

Entendo que não é necessario dirigir-me particularmente a cada individuo: d'aqui faço o pedido geral:—ajudem-me! Qualquer pequena noticia, de um monumento, de um objecto, de um achado, será bem vinda. Ao fim de certo tempo *O Archeologo* constituirá assim um vasto repositorio de factos positivos, que contribuirão para o conhecimento da nossa historia e da nossa ethnologia.

Este periodico tem sido bem recebido pelos diversos especialistas estrangeiros, que por vezes o citam com louvor. A honra é para nós todos, é para Portugal. Não deixemos, pois, perder o ensejo de fazer um serviço á sciencia e á patria: recolher elementos de estudo, e mostrar que se comprehendem as exigencias da civilização moderna.

No nosso pais abundam os colleccionadores de moedas e de antigualhas, uns por paixão ou recreio, outros por necessidade scientifica,— todos com intuito meritorio, porque é sempre bom entreter o espirito com as cousas susceptiveis de o illustrar e de o nobilitar: *O Archeologo* acolheria de bom grado uma descripção summaria de cada uma das collecções, com o que ao mesmo tempo se tornariam do dominio público cousas ainda ignoradas, e se preparariam os materiaes para um dia se escrever por inteiro a historia da nossa Numismatica e da nossa Archeologia.

A cada passo factos na apparencia humildes adeantam a sciencia: uma moeda inédita ou com uma variante, uma inscripção desconhecida, um objecto raro, trazem luz inesperada para muitos problemas.

Senhores colleccionadores de moedas e de objectos archeologicos: saendam um pouco a preguiça, ou ponham de parte a modestia,— que

não é immodestia dizer cada um o que sabe, nem grande fadiga escrever uns artigos a respeito de assumptos que se estimam, — e concorram para *O Archeologo* com a descripção das suas collecções, no todo ou em parte.

Com relação á Numismática, as moedas serão indicadas pela sua ordem geographica e chronologica. Em geral os colleccionadores portuguezes dedicam-se só ao estudo das moedas romanas e portuguezes; por isso a descripção dos respectivos monetarios dispor-se-ha assim:

Moedas romanas:

- a) da Republica (alphabeticamente);
- b) do Imperio (segundo os governos):

quando se possuirem moedas byzantinas, indicar-se-hão a seguir.

Moedas portuguezas:

- a) do continente e das ilhas;
- b) das colonias ultramarinas.

De cada familia ou de cada imperador, a respeito da serie romana, de cada rei, a respeito da serie portugueza, indicar-se-ha o numero das moedas por especies: possuindo os colleccionadores algum tratado importante de Numismática, como os de Cohen, Babelon e Teixeira de Aragão, bom será fazer referencias a elles, para a descripção ficar mais clara.

No caso de terem moedas de outra natureza, mencionar-se-hão de modo semelhante:

Moedas antigas;

Moedas autonomas da Hispania;

Moedas barbaras da Peninsula (suevo-lusitanas, visigothicas);

Moedas modernas:

umas e outras expostas geographica e chronologicamente.

As moedas arabes são mais difficeis de descrever, por causa da lingua: todavia, como os leitores tem visto em interessantes artigos publicados n-*O Archeologo* pelo sr. David Lopes, professor do Lyceu Central de Lisboa, este escriptor consagra-se ao estudo do arabe, e elle da melhor vontade responderá a qualquer consulta que lhe fizerem neste sentido.

Quando os colleccionadores possuirem raridades ou variantes, especificá-las-hão, descrevendo as moedas por meudo, e mandando d'ellas desenhos fieis, que serão publicados; no caso contrario limitar-se-hão a indicar a especie e numero das que tem.

Com relação á Archeologia propriamente dita, os objectos serão igualmente indicados por especies e por datas, seguindo-se ordem analogá á que fica mencionada, por exemplo:

Epocha prehistorica: machados de pedra polida de tal e tal parte, achados nestas e naquellas circumstancias;

Epocha romana: tantos pesos de barro d'esta ou d'aquella fórma; inscripções funerarias, divinas e honorificas; vasos de barro; instrumentos.

E assim successivamente. Quando a inscripção estiver já publicada, basta alludir ao lugar do livro; quando o não estiver, torna-se necessario copiá-la, e mesmo desenhá-la, caso as letras offereçam alguma especialidade, ou a pedra contenha ornatos, ou seja afeiçãoada de modo notavel. Dos objectos que merecer a pena tornar conhecidos, deverão vir desenhos ou photographias.

Tanto para as colleções numismaticas como para as archeologicas deve dizer-se quando começaram a organizar-se.

A cada colleccionador fica licito, claro é, fazer a sua descripção como melhor entender; o que deixo dito é unicamente uma ideia que os poderá dirigir ou enthusiasmar.

Assim como é da manutenção de um candelabro ou de um lar acceso que muitos povos julgam dependente o effeito de certos cultos religiosos, e por isso a procuram e desejam: assim tambem, para que o lume da Sciencia não se apague, e d'elle resultem beneficios, se torna indispensavel que todos se congreguem no mesmo pensamento de a bem servir.

J. L. DE V.

Antiguidades de Trás-os-Montes

1. Castros

A dois kilometros aproximadamente de Villar-de-Viande, e a cinco da villa de Mondim, na margem esquerda do Tamega, encontra-se uma collina de fórma semicircular, de 250 a 300 metros de diametro, elevando-se acima do leito do rio de 150 a 200 metros.

Era um ponto strategico de grande importancia pelas condições topographicas, e foi aproveitado, como se vê ainda pelos restos de uma trincheira enorme de pedra e terra de que existem para o lado do norte porções de muitos metros de extensão bem conservadas.

O que se encontra digno de menção e estudo na collina são duas ordens de casas, situadas, uma na parte mais elevada e plana, e outra na variente voltada para sudoeste.

Estão orientadas de nascente a poente, com o maior comprimento nesta direcção, e apresentam as paredes paralelas duas a duas, tendo, em lugar de angulos no encontro das paredes umas com as outras, arcos de círculo, o que faz que se diga que são *casas redondas*.

No grupo da planície vêem-se os restos de quatro a seis casas, sendo as mais compridas de 3 a 4 metros e reduzidas a uma fiada de pedra á superficie.

As casas do segundo grupo não as vimos, mas disse-nos o Ex.^{mo} Sr. José Guilherme Henriques que não apresentavam diferenças das do primeiro.

Este cavalheiro, com uma amabilidade inextinguível, foi quem nos mostrou estas ruínas, a que chama «a sua Citania», e a elle se deve o não terem os lavradores de Villar-de-Viande acabado de destruir este monumento archeologico.

Não consta que tenham apparecido no local moedas de qualquer especie, nem outros objectos antigos.

Aquelles que não forem attraídos a Villar-de-Viande pelo amor á sciencia, não perdem o tempo encarando o sítio pelo lado do agradável. Talvez se não encontre no norte do país um sítio tão pittoresco e digno de ser photographado.

A viagem até Mondim faz-se commodamente; de Mondim até á collina, a distancia é apenas de 5 kilometros.

Todas as medidas d'esta nota são aproximadas e calculadas numa visita de uma hora.

Não longe d'estas ruínas, num monte que se prolonga para o noroeste do magnifico pico da Senhora da Graça, monte denominado *Os Palhaços*, existiam restos de construcções de pedra, a que se tem referido varios escriptores.

Como nenhum mencione a circumstancia de terminarem de uma forma triangular para nascente, aproveitamos a occasião de chamar a attenção dos curiosos e competentes para este facto.

O meu particular amigo José Antonio Machado e Moura, proprietario em Athuy, foi quem me forneceu esta informação, digna de todo o credito.

2. Sepulturas romanas de tijolos

No sopé do pico da Senhora da Graça, perto de Parada de Athuy, numa propriedade do Ill.^{mo} Sr. José Pereira, por occasião de uma sorribo, foram encontradas duas sepulturas constituidas por tijolos de argilla vermelha, semelhantes á que temos visto por toda a parte em ruínas romanas.

Um dos tumulos era de um guerreiro de grande estatura, e o outro de criança, ou de mulher de pequena estatura.

Na sepultura do guerreiro entravam onze tijolos e quatro telhas muito semelhantes ás dos cumes dos telhados feitos de telha de Mar-selha (*tegulas*).

Tres tijolos no fundo da sepultura com entalhes e rebordos lateraes, a que se uniam inteiramente dos lados outros tres tijolos (de cada lado) com saliências e entalhes oppostos, e um na cabeceira e outro na extremidade (pés), unidos no angulo formado pelos tijolos lateraes na parte média e superior pelas telhas, formavam uma sepultura, que se conservou durante muitos seculos inteira e solida.

A sepultura tinha de comprimento 2^m,80, de largura; na cabeceira 0^m,75 e nos pés 0^m,45.

Os tijolos, dos quaes existem oito em poder do Ill.^{mo} Sr. Pereira, são furados em dois ou tres sitios, marcados com as letras T, S, P, M, etc., maiusculas do alphabeto romano, e um d'elles tem pégadas de um cão, muito distinctas.

Dentro da sepultura havia uma lampada, dois vasos de argilla de pequenas dimensões, a ponta de uma espada e da sua bainha, objectos que o meu amigo Machado e Moura cedeu a um curioso, de cujo nome se não recorda, e de ossos reduzidos a pó.

A sepultura mais pequena era construida do mesmo modo, e continha outra lampada e outros dois vasos das mesmas dimensões.

No local das sepulturas tem apparecido muitas moedas romanas de cobre (grandes-bronzes), tijolos quebrados, mós de moinhos romanos; e vêem-se dois buracos abertos no salão, de fôrma arredondada, de 3 a 4 metros de profundidade e de 1^m,50 de diametro á superficie da terra.

Para norte da propriedade, em outra pertencente a um cunhado do Rev.^{do} P.^e Manuel Borges, ha grande quantidade de tijolos quebrados que apparecem quando renovam a terra os lavradores.

Terminamos esta rapida noticia pela menção de um achado que deu que pensar aos que o tiveram na mão e que decerto darão aos archeologos.

Encontraram-se pedaços quadrados de uma substancia branqueada, como pergaminho, do tamanho de uma carta de jogar, que estava alterada pela humidade e se desfazia.

O que era? O que significava? Teria alguma relação com os enterramentos?

Os nossos amigos Machado e Moura, P.^o Manuel Borges e José Pereira tiveram-nas em seu poder, e dão ainda a quem as precisar as explicações que se desejarem.

Villa Real, Abril de 1897.

HENRIQUE BOTELHO.

Necessidade dos estudos classicos

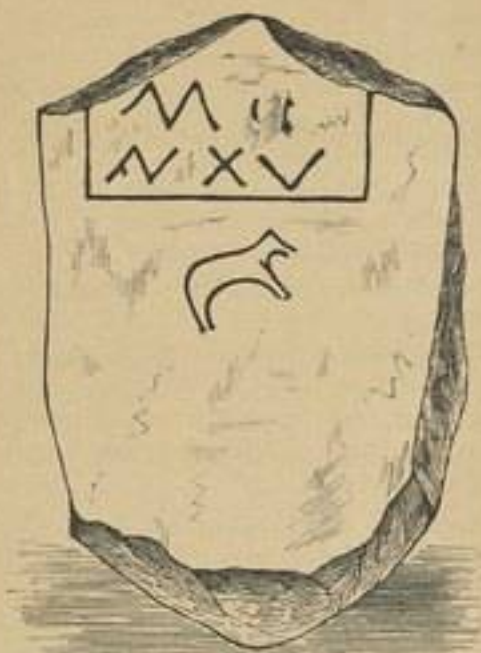
«..... les Portugais travaillent un peu isolément; et bien des fois les études préliminaires n'ont pas été suffisantes. Le sol portugais est plus riche que tout autre en sujets d'études; mais pour qu'il soit possible de faire sortir de ce sol tout ce qu'il peut scientifiquement produire, il faut non-seulement, comme ailleurs, le zèle et l'activité; mais il faut encore fortifier l'enseignement moyen et supérieur, retourner à ces études classiques, base de toute culture scientifique véritable, il faut enfin l'union entre tous ceux qui consacrent leur vie aux grandes et nobles études du passé».

AD. DE CEULENEER, *Le Portugal, notes d'art et d'archéologie*, Anvers 1882, pag. 89-90.

Uma lapide do castello de Oleiros da Bemposta (Mogadouro)

A tres kilometros, segundo as informações que tenho, da povoação da Bemposta, em um alto sobremodo alcantilado, que fica sobranceiro ao rio Douro e em frente da praça hespanhola de Formoselha, ha vestigios muito distinctos ainda de ter alli havido uma fortaleza constituida, conforme refere Pinho Leal, no *Portugal antigo e moderno*, por uma muralha de 2 metros de espessura, que limita um espaço de 130 metros de comprimento e 40 de largura, e a que correspondia outra na margem esquerda do mesmo rio, em terreno hespanhol, conhecida por

castillo Moro. No dizer do referido auctor, e que é confirmado por pessoas d'aquelles sitios, tem-se encontrado nesta fortaleza, chamada *castello de Oleiros*, alguns objectos interessantes, taes como uma espada de prata (*sic*), moedas de ouro e prata de que se não averiguou o tempo a que pertenciam, e uma lapide de marmore com alguns arabescos e esculpturas.



Foi neste castello que appareceu ha dias o fragmento da lapide, de que o presente desenho é cópia fiel, que é romana e funeraria, assim como parece que é a de marmore, ha annos encontrada, e referida por Pinho Leal, a avaliar pelo esboço que possuo, que mostra estar a inscripção quasi de todo apagada.

A do nosso desenho é de marmore grosseiro e tem 0^m,28 de altura, 0^m,17 de largura e 0^m,03 de espessura.

As letras tem de corpo 0^m,02 e vê-se por baixo d'ellas gravado toscamente um quadrupede.

Bragança, Abril de 1897.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Um problema epigráfico

No portal do templo românico do Salvador, em Coimbra, á direita de quem entra, vê-se um letreiro commemerativo da construção do bello portico. É interessante, principalmente por accusar o anno em que se realizou aquella obra.

Está bem conservado; apenas uma falha occupa o lugar onde esteve a 1.ª letra da 2.ª linha.

Os caracteres são capitaes, com excepção de todos os MM e de dois EE, que são onciaes; os AA, com o traço da esquerda recurvado, apresentam caracteres mixtos, são de transição. Abundam em toda a inscripção as letras conjuntas.

Foi publicada esta legenda em *facsimiles* lithographicos no *Antiquario coimbricense*, n.º 7 (Janeiro de 1842), pag. 50, e mais perfeitamente nas *Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra*, por Augusto Filipe Simões, Lisboa 1870, estampa iv.

Apesar de pouco extensa, e de serem em geral bem legiveis os caracteres, tem sido objecto de grandes hesitações por parte dos archeologos a sua leitura e interpretação.

Vejamos o que a tal respeito se tem publicado.

I. COELHO GASCO deixou-nos a seguinte leitura:

Stephanus Martinis sua sponte hanc portam fecit, et frontispicion.
E. M. CC. VII. E. M.¹

II. O P.º MANUEL DA CRUZ PEREIRA COUTINHO, prior da Sé-velha, encostando-se em parte á auctoridade de Gasco, leu assim:

Stephanus | martinis. sua | sponte. fecit. hunc | portalem. et | fronte.
*era. millesima. ducentessima | septima. era. millesima.*²

III. Logo em seguida o mesmo PEREIRA COUTINHO corrigiu a sua primeira leitura³, affirmando que sem dúbida nenhuma na inscripção se encontram as letras—*Lest Front*, e não—*et fronte*: que portanto deve ler-se—*Lestis fronte*, e traduzir-se—no frontespicio do Oriente.

¹ *Conquista, antiguidade, e nobreza da mui insigne, e inclita cidade de Coimbra*, Lisboa 1807, pag. 20.

² *Antiquario coimbricense*, n.º cit., pag. 51.

³ *Ibid.*, n.º 8, pag. 61.

Mas, estando este portico voltado a occidente, aventou a hypothese de um outro, que em tempos estivesse a leste, d'onde mais tarde, tendo sido demolido, fosse transportada a inscripção com outras pedras para a fachada occidental, *por occasião de alguma reforma, que alli se fizesse.*

IV. O abbade de Lobjigos, MANUEL FULGENCIO GOMES, corrigiu as leituras do erudito Pereira Coutinho¹, affirmando, e com toda a razão, que naquella escriptura lapidar se lia claramente a palavra—*leta*, com todas as suas letras, onde primeiro se lera —*et*, e em seguida—*lest*; e, applicando as expressões—*leta fronte* ao portico, entendem que por ellas se indicava a bella apparencia do mesmo—(*com um legante frontespicio*).

Pereira Coutinho acceitou a leitura, mas não se satisfiz com a justificação, appellando para a *impericia do artista*, que alteraria a verdadeira lição, quando gravou os caracteres².

V. O Dr. AUGUSTO PHILIPPE SIMÕES, observando mais detidamente a inscripção, e os caracteres architectonicos e decorativos do portico, deu por demonstrado que nenhuma relação havia entre este e a legenda, e adoptou a segunda leitura de Pereira Coutinho—*lestis fronte*³.

VI. Cinco annos depois o mesmo Dr. PHILIPPE SIMÕES, publicando em folheto uma conferencia realizada a 21 de fevereiro de 1874 no INSTITUTO DE COIMBRA, em nota final emenda a sua anterior leitura, perfilhando a de Fulgencio Gomes—*leta fronte*; mas, não lhe soando bem a interpretação por elle dada a estas expressões, remette o caso «aos latinistas, aos modernos Du Cange, onde os houver», e desde logo consigna alguns elementos, «que poderão servir a uma nova e necessaria interpretação»⁴.

A leitura da inscripção nenhuma dúvida pôde admitir, pelo que diz respeito ás palavras discutidas; as hesitações e contradicções dos abalizados mestres explicam-se.

¹ *Ibid.*, n.º 9, pag. 65.

² *Ibid.*

³ *Relíquias da architectura romano-byzantina*, já cit., pag. 14.

⁴ *Da architectura religiosa em Coimbra durante a idade média*, Coimbra, 1875.

Está bastante elevada a lápide, e sem o auxilio de uma escada não pôde ler-se bem. Leram-na certamente em calcos mal tirados.

Gasco nem isso fez. Com a leviandade e pouco escrupulo, que manifesta em tudo o que escreveu, limitou-se a ler de longe, ou a mandar ler por qualquer inexperiente; d'ahi o grande disparate.

Querendo em seguida interpretar o que fôra lido, juntou ao primeiro disparate um outro ainda maior; affirma que é dupla a data expressa na lápide, pois consigna a era de Cesar 1207, e o anno de Christo 1000, que lhe corresponde!! Diferença de 207 annos!!

O exame directo dá, sem vislumbres de hesitação, a seguinte leitura:

† S T E P H A N V S

M A R T I N I S V A

S P O N T E F E C I T H V N C

P O R T A L E M L E T A

F R O N T E E M C C

V I I E (?)

A letra final (ou grupo de letras?) é que me não atrevo a ler por um M, como todos tem feito. Deixo-a de parte para novo exame.

Vamos á interpretação.

Philippe Simões² lembra, que—*leta* pôde ser o *participio* (adj. verbal) do verbo obsoleto *leo* (> *deleo*); em tal caso deveria traduzir-se—*destruida a frontaria* (antiga).

¹ *Conquista, antiguidade, etc.*, pag. cit.

² *Da architectura religiosa, etc.*, pag. cit.

Não me parece racional esta resurreição extemporanea de um verbo latino, que deixara de se usar desde tempos muito anteriores aos classicos, e que agora apparece nesta inscripção sómente. Alem d'isso, em face desta interpretação, seria flagrante o despropósito de tal referencia.

Ainda lembra o mesmo auctor¹, que pôde estar—*leta* por—*lita*, e que numa inscripção de Napoles, dos ultimos tempos do imperio romano, se encontra esta palavra com applicação a uma parede rebocada ou alizada de novo.

É certo que o verbo—*lino* tem significações que se afastam consideravelmente da primordial «ungir». Pintar um quadro, revestir as paredes de cal, encrustar um objecto de laminas de ouro, etc., tudo isso podia ser expresso pelo verbo *linere*. Mas é uma hypothese muito forçada, desnecessaria, e que suppõe um facto contrário a tudo quanto o exame directo nos diz. O portal não foi alli embutido num edificio preexistente, alizando-se ou retocando-se o resto da fachada; o portico surgiu com toda a fachada, de que faz parte, não é, não pôde ser um simples enxerto.

A interpretação de Fulgencio Gomes é toleravel. Neste latim das inscripções medievas não são nunca para extranhar nem a impropriedade na escolha dos termos, nem a falta de correcção grammatical.

Mas que necessidade ha de appellar para a incapacidade do auctor, quando a legenda tem uma interpretação muito natural e perfeitamente correcta? Custa até a crer que não occorresse a nenhuma das pessoas que se tem esforçado por decifrá-la.

Estamos em face d'uma composição leonina muito curta. Contém dois versos apenas, regularmente feitos, devidamente rimados. Segue-se a data não obedecendo a nenhum preceito de metrificacão, o que é frequente.

*Stephanus Martini, sua sponte,
Fecit hunc portalem, laeta fronte.*

Era millesima ducentesima septima, ...

—*Sua sponte*, como Alves de Sousa já tinha dito a Philippe Simões², pôde muito bem significar—*por si só, sem auxilio d'outrem, á sua custa*.

¹ *Ibid.*

² *Ibid.*

—*Lasta fronte*— com o rosto alegre (expressão de pura latinidade, equivalente a —*cheio de satisfação*), refere-se evidentemente ao sujeito da proposição, não ao complemento directo do verbo, como se tem supposto.

Assim, a meu ver e salvo melhor juízo, o sentido da inscrição é este:

Esteção Martins, cheio de satisfação, fez este portico á sua custa, na era de 1207 (A. D. 1169).

ANTONIO DE VASCONCELLOS.

Museu Municipal de Braga

A Ex.^{ma} Camara Municipal de Braga resolveu criar um Museu naquella cidade. A este proposito publiquei na *Correspondencia do Norte*, de 27 de Fevereiro, a convite da illustrada redacção, o seguinte artigo:

«Por todas as razões Braga não póde deixar de ter um museu municipal, em que se recolham objectos archeologicos e de ethnographia moderna.

Cidade antiquissima, cuja origem se esvaece na noite dos tempos, capital de uma provincia de costumes tão caracteristicos e tão fixos, offerece sem dúbida ao investigador abundantissimos elementos de estudo, que de modo nenhum se devem perder.

Photographias de monumentos, como igrejas, castellos; reproduções de outros, como a célebre fonte preromana do *Quintal do Idolo*; lapides antiquissimas, que sem grande difficuldade se tirariam dos locais em que se acham, como as da *Quinta do Acellar*; os notabilissimos marcos miliarios do campo das Carvalheiras; moedas romanas e portuguezas que a cada passo se encontram; exemplares de ceramica antiga; armaduras, vestuarios, objectos de adorno, moveis, imagens: eis ahí tanta cousa, que logo de repente se obtem, e que dá para encher boa parte do museu, servindo juntamente de material scientifico e de decoração.

Isto, pelo que respeita á parte antiga; pelo que respeita á ethnographia moderna, a colheita é ainda mais facil. Nesta secção não se omittam os jugos e cangas dos bois, com ornatos tão variados, e que só no Minho se encontram; as louças phantasticas de Barcellos; as

arrecadas e outras joias de filigrana, também só usadas no Norte; varios especimenes de trajos populares, que, ora pelas suas fôrmas, ora pelo garrido das suas côres, encantam o forasteiro.

A quem está sempre a observar estas cousas, ellas pouco interessam, e pouco chamam a attenção; mas o Museu não é só para os de Braga, é também para os de fóra. E, quer interessem, quer não interessem aos da terra, quer lhes agradem, quer não, o que importa é estabelecer convenientemente o Museu: porque assim servimos a sciencia, ministrando-lhe documentos de que carece, e servimos a patria, pondo-nos a par do que noutros países se faz com toda a actividade e dedicação.

Ao principio ha muita cara torcida, muito sorriso de zombaria, porque geralmente todos mofam, ou d'aquillo que não entendem, ou d'aquillo que vêem fazer aos outros. Mas a superioridade de quem está possuido de uma ideia nobre consiste exactamente em passar por cima dos invejosos e dos ignorantes, desprezando uns e ensinando os outros.

Ora, desde o momento que Braga apresente num local expressamente preparado para este fim os restos do seu passado (archeologia) e os objectos materiaes da actualidade que revelem cunho tradicional e característico (ethnographia moderna), de modo que por elles se comprehenda a evolução historica, e, em virtude do enthusiasmo que as cousas da patria sempre despertam em quem é patriota, se aprenda a amar o passado, para d'esse amor se tirar incitamento para melhoramentos futuros: já os zoilos se calarão, e os inconversos se declararão vencidos, ao mesmo tempo que a cidade merecerá os applausos de quem os não regateia aos actos meritorios.

Os museus da natureza d'este devem ser eminentemente locais, conter o maior numero possível de objectos que dêem ideia da região. Ao lado das secções de archeologia e ethnographia moderna conviria pois estabelecer mais duas: uma de historia natural, em que se colloquem exemplares de rochas, animaes embalsamados, herbarios; e outra, de anthropologia, em que se colloquem ossadas antigas, encontradas em sepulturas avulsas ou em cemiterios (dos tempos prehistoricos, romanos, e mesmo posteriores), tranças de cabello, retratos.

A 3.^a secção,—historia natural—, é a menos importante, porque todo o país está já bastante estudado neste sentido, e ha nos diversos centros scientificos pessoas dedicadas que se consagram ao assumpto comprehendido nella. As outras tres secções, porém, necessitam de ser constantemente enriquecidas, porque, por um lado, os objectos que as formam, se não se lhes acode a tempo, perdem-se irremediavelmente,

e por outro lado o país ainda não está neste sentido completamente estudado, e é pouca a gente que o estuda. Em todo o caso, nem por isso a 3.^a secção deve ser votada ao abandono, antes todos devem também esforçar-se por a preencher, porque, embora alguns exemplares não tenham novidade, outros podem tê-la, e tudo junto educa o povo.

Já diversas camaras municipaes tem comprehendido a importancia dos museus locais, como as de Faro, Beja, Elvas, Alcaccer do Sal, Bragança, Porto, Vianna do Castello, todas as quaes recebem o apoio material e moral dos respectivos municipes. O que é indispensavel é que outras, sobretudo as das capitães dos districtos, e ainda as das cidades, sigam tão bons exemplos, a fim de em breve tempo se conhecer o nosso país no seu conjunto, e não continuarmos a ouvir as censuras que os estrangeiros nos fazem. Lá fóra os estudos archeologicos e em geral os ethnographicos são muito estimados e cultivados: a França, a Allemanha, a Italia sustentam missões scientificas e escolas em Athenas e em Roma, para estudarem os monumentos archeologicos d'estas duas capitães do mundo classico: outras missões europeias ha na Africa, na Asia Menor, na Persia, na India; por toda a parte se eriam grandes museus, se fundam sociedades, se publicam jornaes e riquissimos livros, se abrem cursos. Este movimento do mundo civilizado chega apenas a Portugal pouco mais do que em echo; o pouco que se faz cá é quasi sempre devido apenas aos esforços de um ou outro individuo ordinariamente insulado: por tanto, quando uma corporação, como a Ex.^{ma} Camara de Braga, toma a peito a installação de um Museu Municipal, em que fique representada nos seus elementos materiaes a vida do povo do Minho antiga e moderna, é caso para grande contentamento, porque isso significa que se quer sair do marasmo e contribuir para o progresso.

Nem só do pão vive o homem,—dizem os livros santos; e esta verdade deve ser sabida em Braga melhor do que noutra parte, porque é lá que a actividade religiosa tem mais desenvolvimento. Oxalá, por tanto, que, ao lado dos individuos que constituem a commissão da organização do Museu,—os srs. P.^o Martins Capella, P.^o Manoel José Pereira, Dr. José Machado, Domingos Rebello Barbosa, Bernardino de Senna Freitas, Visconde de Frailão, Joaquim A. da Afonseca Franco, e Antonio José de Sousa Ribeiro—, todos elles illustrados e por igual devotados ao bem da sua terra, outros venham quanto antes contribuir para que a nobre ideia da Ex.^{ma} Camara não esmoreça, e pelo contrario chegue a manifestar-se em toda a sua luz!

J. L. DE V.

Antiguidades romanas das vizinhanças de Nellas

Algumas pesquisas que fizemos nos arredores de Nellas, em companhia do nosso amigo sr. Annibal de Brito, academico da faculdade de philosophia, conduziram-nos á descoberta de vestigios interessantes, que convem assignalar aos que estudarem a archeologia romana da provincia da Beira.

No sitio do Moledo, a 900 metros para o sul de Nellas, em uma vinha do nosso amigo Sr. Dr. Manuel Ferreira Marques, notámos á superficie do solo, esparsos em uma área consideravel, abundantes fragmentos de telhas de rebordo e de telhas curvas, de dolios e outros grandes vasos romanos, e, em certos pontos, algumas pedras apparelhadas.

Abrindo dois poços, para sondar o terreno, um proximo de um pilar de granito que afluava o solo, e outro a alguns metros de distancia onde o desnivelamento dos terrenos nos pareceu muito suspeito, mostron o primeiro que o subsolo era formado por entulho negro, carregado de detritos vegetaes e de substancias carbonizadas, contendo grande quantidade de restos ceramicos, provenientes de telhas e dolios e de pequenos vasos romanos; e o segundo uma camada quasi superficial de entulho semelhante, que parecia ter descido do terreno superior (onde fôra aberto o primeiro poço) por occasião das plantações da vinha, e por debaixo d'esta camada uma outra de terra vegetal, que a 1 metro de profundidade parecia depositada pelas aguas fluviaes.

Abandonando o primeiro poço, para não alargarmos muito a área das excavações, que teriam de destruir numerosas plantas, embora a illustração e amizade do Sr. Dr. Ferreira Marques nos facultasse esse perdoavel vandalismo, concentrámos o trabalho no segundo onde fôra assignalada uma substrucção qualquer; e este poço foi convertido numa larga trincheira segundo o methodo que costumamos seguir nas nossas explorações.

A camada superficial de entulho negro forneceu um fragmento de *pondus* de tear, feito de barro, com dois orificios, muitos fragmentos de diversos dolios e de pequenos vasos de barro, assim como numerosos restos de *tegula* e *imbrex*.

Em alguns vasos mendoz notámos o barro cinzento, muito puro, que temos encontrado em grande abundancia nas estações luso-romanas do concelho da Figueira; e em outros esse barro annegrado e impuro, mui grosseiramente trabalhado á roda, que temos visto não só nessas estações, mas nas que explorámos pelo Algarve. O mais interessante

fragmento é o que contém um largo bordo, voltado para fóra e plano, onde existe um entalhe que parece destinado a escorrer o liquido.

A excavação pôs a descoberto uma curiosa peça de *torcularium* romano, aquella em que era recebido o liquido escurrido da prensa (*torcular*). Nós tínhamos lido em Rich que nos lagares romanos exhumados em Stabias (Italia) o liquido corria pelo pavimento inclinado da prensa para um grande vaso de barro meio soterrado, d'onde era em seguida retirado para as vasilhas. Por outro lado havíamos visto nas vizinhanças de Bensafrim (Algarve) um exemplar do *torcularium*, aberto no grés e disposto de modo que o liquido escurrido da prensa, que era montada em uma cuba rectangular, passava por um orificio para um recipiente circular, d'onde era retirado para as vasilhas; e junto ás famosas *thermas* do Milreu, em Estoi, ao norte de Faro, tínhamos examinado outro exemplar em que o fundo da cuba da prensa parecia feito com o *opus signinum* e era revestido com cimento, tendo uma especie de canal por onde o liquido escurria para um recipiente em fórma de vaso, soterrado e revestido com cimento. Mas o exemplar de Nellas era diverso: supprimia-se o recipiente, como vamos ver.

Quatro muros de alvenaria sêcca, mas em que entraram pedras mais ou menos aparelhadas e alguns tijolos, attingindo a altura maxima de 1 metro, formaram um recinto rectangular, medindo no comprimento 3 metros e na largura 2 metros. Este recinto ficava indubitavelmente em nivel muito inferior não só ao do pavimento da prensa, como era natural, mas ao do terreno que cercava o mesmo recinto pelos outros lados, pois que a elle se descia por uma escada, de que restam ainda dois degraus de pedra, junto a um dos angulos do edificio, no lado do sul. O primeiro degrau inferior, que manifestamente conserva as suas antigas dimensões, mede 0^m,55 no comprimento, 0^m,2 na largura e 0^m,23 na altura.

O pavimento não era feito com o *opus signinum*, como nos edificios romanos que estudámos no Algarve. Faltava-lhe a argamassa. Sobre uma camada de calhaus rolados e de terra estava estendida outra camada de meudos fragmentos de telha e de tijolos, attingindo até 0^m,1 de espessura, batidos e comprimidos a massa; especie de *pavimentum* que devia ter a denominação generica de *testaceum*, mas em que a ausencia de todo e qualquer cimento é novidade nas nossas explorações.

No muro occidental do edificio, muro que fórma um dos lados maiores d'este a 1^m,2 da extremidade do norte e a 0^m,75 a cima do nivel do pavimento, existia a *bica*, feita de uma lage bastante alongada, saliente da parede 0^m,25, tendo aberto, a meio, um canal de 0^m,7 de comprimento e 0^m,07 de largura, com a secção semicircular, e que

estava coberto por uma telha curva. Por esta disposição é claro que o liquido corria directamente para as vasilhas; e uma lage saliente da parede, ao lado esquerdo da escada, a certa altura do pavimento, parecia indicar que serviria para apoiar as vasilhas que se retiravam cheias e poderem elevar-se até à cabeça ou hombros, a fim de serem transportadas para a *cella*.

O recinto da prensa, occupando nivel superior, apenas a 0^m,3 da superficie actual do solo, estava, na maior parte, destruido pela plantação da vinha. Descobrimos os restos do envasamento de uma das paredes e do pavimento, encontrando no entulho muitas pedras soltas e alguns fragmentos de grandes vasos de barro; mas não levámos mais longe a exploração, para não destruímos o plantio.

Surprehendeu-nos sobremaneira o facto de o pavimento ser igual ao do recinto da bica. É evidente que o liquido não podia correr sobre elle, como corria nos dos lagares de Bensafrim e do Milreu que, sendo impermeaveis, não permittiam a infiltração. Como seria preparada a *area* ou espaço onde se espremiam os restos das uvas, e por que meio era o liquido dirigido d'alli para a bica? Não sabemos. Em todos os entulhos extrahidos nenhum vestigio de argamassa de cal e areia ou de cimento.

Tambem não encontrámos dentro do recinto da bica pedras que pudessem ter pertencido ao alçamento do edificio. Esta circumstancia e o facto, já notado, de a camada inferior do entulho ter um aspecto sedimentar, indicando que o edificio, abandonado durante muito tempo, fôra lentamente entulhado pela acção das aguas pluvias que desciam do poente e norte, fazem pensar se o edificio não se elevaria a cima do nivel do solo contiguo.

No sitio dos Moledinhos, que fica para Leste d'esta estação, em uma encosta fronteira, informaram-nos que tambem existem abundantes restos ceramicos iguaes aos do Moledo; mas preferimos ir encetar as explorações em Senhorim, d'onde nos haviam trazido um pêsso de tear e algumas noticias animadoras.

Alli, num predio sito junto ao lugar da Ponte da Igreja, mostraram-nos uma cuba redonda de pedra, manifestamente romana, que devia ter pertencido ao *torcularium*, uma peça partida da *mola manualis* e alguns fragmentos de telha de rebordo, que o proprietario havia encontrado soterrados.

No predio fronteiro, conhecido pela designação de *terra do Fidalgo*, encontrámos á superficie do solo um *pondus* de barro e numerosos

fragmentos de telhas romanas. Abertos alguns poços, para sondar os terrenos, só dois assignalaram no subsolo uma camada de entulho negro, carregado de carvões vegetaes, contendo restos de vasos, tijolos e telhas. Não encontrámos envasamentos de muros nem vestígios de *parimentum*; mas a exploração provou que alli existia uma vasta construção, porque as pedras de alvenaria abundavam no entulho.

Os objectos aproveitaveis foram poucos. Colligimos tres pesos de tear, todos feitos de barro, um com fôrma trapezoidal e dois quadrilongos, medindo na espessura 0^m,03 a 0^m,037, no comprimento 0^m,103 a 0^m,11 e na largura 0^m,07 a 0^m,08. Dois tem um só orificio, e um tem dois. Um dos primeiros apresenta vestígios manifestos de uso porque parte da borda do orificio está gasta pelos fios que a suspendiam.

A abundancia d'estes objectos em certas estações romanas de Portugal parece indicar que se fazia largo uso de tear vertical, em que muitos pesos eram empregados para retesarem os fios da urdidura. As suas fôrmas não eram sempre semelhantes ás dos nossos exemplares.

O Museu Municipal da Figueira possui alguns, que lhe foram doados pelo sr. Dr. Pedro Augusto Ferreira, em que se nota a fôrma de uma pyramide truncada de base quadrada.

Nos fragmentos de vasos encontrámos pastas muito grosseiras, umas vermelhas e outras cinzentas ou pardas. Pelas fôrmas distinguam-se os restos de um pichel de bico e de alguns vasos que tinham externamente um largo rebordo horizontal, saliente do fundo.

É notavel que nós tenhamos restaurado parte de um vaso d'este typo com fragmentos recolhidos nas ruínas do pequeno povoado da Espadaneira, proximo do Cabo Mondego, que são em tudo semelhantes ás de Porto Saboroso, perto de Brenha, onde um ceitel de D. João II, encontrado no pavimento de uma das casas, nos permittiu fixar a epocha a que pertence¹.

Esse vaso, que se acha exposto no Museu da Figueira, tem a fôrma de um alguidar e é furado em muitos pontos.

Será a reproducção de um typo romano, conservado tradicionalmente na olaria peninsular, ou uma peça genuinamente romana, encontrada pelos moradores da Espadaneira em alguma estação das proximidades, e para alli levada?

¹ A descoberta recentemente feita em Lirio, proximo de Brenha, de restos ceramicos semelhantes aos de Porto Saboroso e da Espadaneira, associadas a ceitis de D. Afonso V, confirma que esses povoados são do seculo xv.

Esta ultima hypothese não é inverosimil, porque nos entulhos das casas d'este povoado recolhemos fragmentos de outros dois vasos com feição romana e um pedaço de rebordo de *tegula*; objectos bem differentes do resto da cerâmica encontrada nas mesmas ruínas e nos de Porto Saboroso, mas que ao principio nos fizeram attribuir erradamente as primeiras á epocha romana.

Os orificios nos vasos constituem um interessante problema da archeologia. Nós temos-los encontrado em louças neolithicas, nas louças lusitanas dos castros das vizinhanças da Figueira e nas de fabrica romana.

Tendo de occupar-nos detidamente dos seus diversos destinos, nos estudos que estamos preparando á cêrca d'esses castros, sô notaremos aqui que os vasos com o corpo e fundo esburacados e que não apresentam vestigios de serem applicados ao fogo, como o da Espadaneira, sô os que mais duvidas suscitam á cêrca do seu uso.

A ornamentação dos vasos, tanto quanto pôde apreciar-se por pequenos fragmentos recolhidos, é da mais singela. Consiste em linhas onduladas, em filetes contornando o bojo e guarnecidos de impressões que parecem feitas com os dedos, ou de pequeninas incisões traçadas com uma ponta qualquer, e ás vezes em linhas traçadas em zigzagague.

Nenhum fragmento d'essa cerâmica a que, entre nós, alguns chamam *saguntina*, e a que em França se chamou *samiana*, mas que bons criticos reputam uma simples contrafacção romana da cerâmica *aretina*; e, o que é mais notavel, nenhuma cerâmica fina foi assignalada nos entulhos d'esta estação de Senhorim.

Como objecto de curiosidade recolhemos um pedaço de *tegula* com a impressão das patas de uma cabra, que sem duvida passara sobre a pasta quando ainda estava fresca.

Fronteira a esta estação existe outra da mesma epocha, em uma encosta que fórma o predio do sr. Manoel Marques Serra do Amaral, de Villa Riiva. Á superficie do solo abundam os fragmentos de telhas romanas, que a recente plantação da vinha espalhara em todos os sentidos. Contou-nos o proprietario que se havia encontrado alli um grande vaso, que os serviaes partiram, assim como varios objectos de barro furados, que, pela descripção que nos fez, deviam ser pesos de tear, e duas pequenas mós dormentes de moinho.

Não pudemos explorar o sítio por causa das plantações, que seriam damnificadas. O proprietario offereceu-nos as duas mós; mas nós

sómente aceitámos uma. Tem o diametro de 0^m,39 e altura de 0^m,11 a 0^m,14. A superficie da trituração eleva-se para o meio em fórma de campanula, no centro da qual existe um orificio de 0^m,027 de diametro e de 0^m,035 de profundidade, destinada ao eixo.

Não são estes os unicos vestigios romanos da região. De outros temos noticia em Villar Secco, nos predios do nosso amigo sr. Abilio de Brito Amaral, de Nellas, d'onde houvemos um pedaço de *tegula*, tendo um *sino-sainão* aberto na pasta, provavelmente com os dedos, quando ainda estava fresca.

A. SANTOS ROCHA.

Grutas do Furadouro

Em 1880, por conta da Commissão dos Trabalhos Geologicos, foram exploradas duas grutas, no sitio chamado do Furadouro, na Serra do Montejunto.

Em Maio de 1894 o Sr. Antonio Maria Garcia, do lugar de Pragança, deu, particularmente, noticia da existencia de outras duas grutas situadas no Furadouro, e tendo elle feito ali uma pesquisa, colheu, na camada de terra vegetal, que superficialmente constituia o solo, fragmentos de ceramica muito ornamentada, ossos humanos, dois cranios fragmentados, ossos de animaes, uma faca de sílex, e dois machados neolithicos.

Em vista d'esta informação, em Setembro de 1894 recebi incumbencia da Direcção dos Trabalhos Geologicos, para proceder á exploração d'estas grutas, sendo acompanhado pelo Sr. Antonio Maria Garcia, que sempre me prestou valiosa coadjuvação.

1. Topographia

O massiço calcareo de Montejunto é limitado a SW. pela portella de Villa-Verde, e ao NE. é cortado por uma depressão chamada o Furadouro, que passa entre o ponto culminante da Serra e o monte em cujo topo se levanta o signal geodesico do Espigão. Esta depressão constitue um valle, de vertentes alcantiladas, que vae descendo de

A encosta de declive asperrimo, coberta de vegetação agreste, densa e rasteira, é quasi inacessivel. As grutas, abertas no calcareo jurassico, tinham a entrada occulta pelo mato que crescia em tôrno, e a espessa camada de terra vegetal que lhes cobria o solo tornava difficil o accesso no interior d'ellas.

2. Primeira gruta do Furadouro

As duas grutas exploradas acham-se a pequena distancia uma da outra, na mesma encosta. Descreve-las-hemos pela ordem por que foram exploradas, cabendo por isso o primeiro logar á mais septentrional d'ellas.

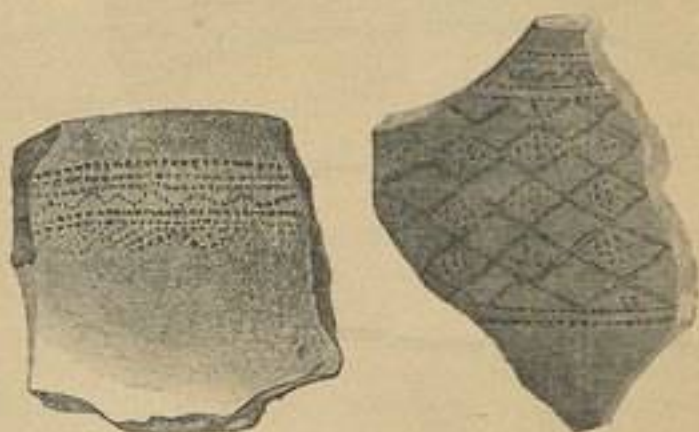


Fig. 2

Fig. 2

Aberta no calcario jurassico, com as paredes e o tecto revestidos de estalactites, esta gruta volta para o nascente a sua entrada, de contorno ogival. Uma abertura natural, de secção circular, atravessando o calcareo a partir do tecto, e desembocando por sôbre a entrada da gruta, constituia uma especie de janella ou claraboia.

Dentro da gruta o solo era formado por uma camada de terra vegetal que envolvia muitas pedras, formando esta camada um leito proximamente horizontal, que distava 0^m,80 do vertice da boca, a qual se achava fechada por grandes pedras.

Eram manifestos os signaes de que esta camada tinha sido revolvida.

Feita a excavação reconheceu-se que o contôrno da gruta fechava um recinto, em que se distingue um pequeno corredor de entrada,

uma primeira camara que se dilata ao fim d'aquelle, e finalmente uma segunda camara a qual se achava quasi completamente obstruida (planta — fig. 1).

Primeira camara. Na camada de terra vegetal que formava o depósito superficial no corredor de entrada, e na primeira camara, foram encontrados pelo Sr. Garcia, quando ali fez as primeiras pesquisas, os magníficos exemplares de ceramica ornamentada (figs. 2,



Fig. 4

3, 4 e 11), dois machados, um de diorite e outro de aphibolite, uma faca de sílex de delicado retoque (fig. 5), muitos ossos de animais e humanos, que se achavam dispersos, e dois crânios fragmentados. Todos estes despojos, segundo a informação do Sr. Garcia, foram encontrados em desordem e na zona superficial até a uns 0^m,6 de profundidade. Os crânios estavam á entrada da primeira camara, a cerca de 0^m,4 de profundidade, um ao meio do recinto, o outro junto da parede, para SE.

Continuaram-se as excavações nesta camada até sua completa exploração, em todo o âmbito da camara, sendo d'ella ainda retirados alguns restos de animais, productos de industria, como estilhaços e nucleos de sílex, e fragmentos de vasos de barro ornamentados, distinguindo-se entre elles um (fig. 6), pela pequena espessura das paredes, fina pasta, de que foi fabricado, e delicadeza de desenho. Da parte inferior d'esta camada foram retirados alguns fragmentos de conchas (Venus).

Levantada toda a camada de terra vegetal, de uns 0^m,70 de espessura, foi posto a descoberto um deposito de areia vermelha solta, que envolvia algumas pedras, e constituia o solo virgem da gruta.

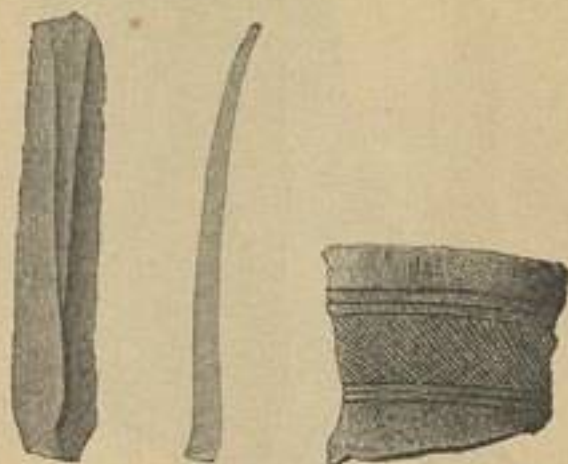


Fig. 5

Fig. 6

Este deposito continha envolvidos muitos detritos organicos e incrustações calcareas produzidas pelas aguas de infiltração que cahiam do tecto, o que tudo lhes alterava o aspecto e a estrutura, que era muito variada, havendo pontos onde o depósito calcareo era abundantissimo. Nestes pontos o solo apresentava-se por vezes compacto e resistente, outras desaggregavel, sendo caracteristica em todos os casos a brancura proveniente do depósito calcareo, mais accentuado sempre nos pontos correspondentes, inferiormente, ás estalactites do tecto, o que confirma a hypothese da sua origem.

Para completo reconhecimento do subsolo levou-se a excavação até descobrir a camada subjacente, que consistia num tufo compacto assentando directamente sobre o calcareo; pelo corte indicado na

fig. 1 se vê a disposição das camadas que formam o depósito interno da gruta. Só na primeira camada foram achados productos de industria e restos humanos ou despojos de animaes. As camadas subjacentes não apresentavam signaes alguns de terem sido revolvidas.

Segunda camara.—O recinto formado por esta é de menor ambito do que o da precedente. Achava-se quasi completamente obstruida pela terra vegetal que a enchia por completo, na parte posterior, e o seu pavimento no terreno virgem, offerecia uma differença sensivel de nivel em relação ao da primeira, passando-se de uma para a outra camara por um pequeno declive.

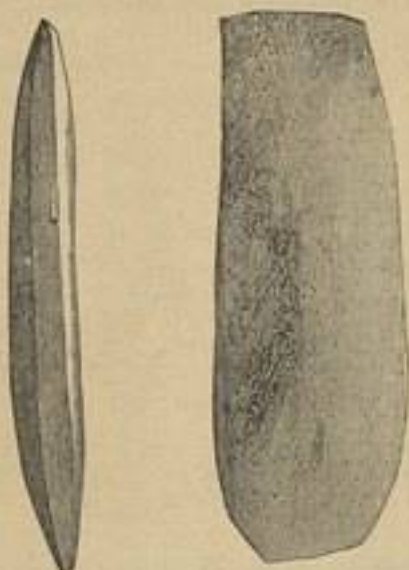


Fig. 7

A espessura da camada de terra vegetal era proxivamente a mesma que na camara anterior. Por baixo d'esta camada revelou-se tambem um depósito alluvial que constituiu um tufo formado por elementos arenosos cimentados pela formação estalagmítica, variando muito a estrutura d'este deposito, que por vezes era muito compacto e resistente, e que ia assentar sobre o calcareo, interpondo-se nalguns pontos um delgado folheto de calcareo estalagmítico.

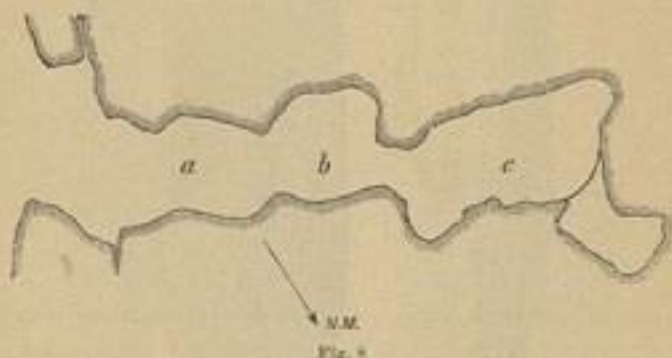
À entrada d'esta camara e na camada de terra vegetal, a pequena profundidade, foram encontrados muitos ossos de animaes, principalmente vertebrae e ossos longos, e varios fragmentos de maxillares.

Tambem foram encontrados alguns ossos humanos: fragmentos do cranio de uma creança, ossos longos, muitos dentes, e o fragmento de um maxillar, notando-se neste, num dos dentes, e nos fragmentos de alguns ossos longos, signaes evidentes de terem soffrido a acção do fogo, verificando-se ao mesmo tempo a existencia de muitos carvões nesse depósito.

Como manifestação de industria existiam nelle alguns restos de ceramica ornamentada, muitos estilhaços de sílex e um machado de amphibolite (fig. 7).

3. Segunda gruta do Paradoiro

Esta gruta fica ao sul da que antes descrevemos, a pequena distancia d'ella, numa quebrada da mesma vertente do valle do Fura-



douro, e tem tambem a sua entrada virada para o nascente. A sua situação muito acima do fundo do valle, numa encosta muito alcançilada, tornava-a de difficil accesso.

Pela planta (fig. 8) vê-se que esta gruta apresenta um vestibulo ou pequeno corredor de entrada *a*, uma primeira, e uma segunda camara, *b* e *c*.

As paredes e tecto apresentavam um revestimento estalagtitico, e o solo superficial era constituido por uma camada de terra vegetal, solta e granulosa, de uns 0^m,30 de espessura, em alguns pontos da qual se notavam os signaes da deposição do carbonato de calcio proveniente das aguas que cahiam do tecto.

Nesta camada encontraram-se fragmentos de ossos humanos, dentes de animaes, restos de ceramica grosseira e alguns estilhaços de sílex.

A baixo d'esta camada o solo ia variando de aspecto, reconhecendo-se pouco a pouco a sua natureza arenosa, e notando-se em muitos pontos os vestígios da infiltração das aguas carregadas de carbonato de calcio.

A excavação proseguiu neste deposito, cuja espessura era de 0^m,70 proxivamente, sendo encontrados, no recinto da segunda camara, muitos ossos humanos pertencentes a varios individuos, dois estilhaços de silex, e uma ponta de setta de silex (fig. 9) de fórma particular, que apresenta nas arestas uma larga serrilha.

Sob o depósito de que acabamos de fallar encontrou-se nalguns pontos um delgado folheto estalagmítico, que recobria um tufo de estrutura variavel, que constituia o deposito inferior da gruta, e cuja espessura era de uns 0^m,30.



Fig. 9



Fig. 10

Era esta a estrutura que se apresentava principalmente junto das paredes da gruta; em outros pontos, porém, era quasi indistincta a differenciação entre este depósito e o sobrejacente, sendo ella apenas caracterizada pelo estado de agglutinação das areias que as constituíam.

Este último depósito continha tambem ossos humanos, muitos dos quaes empastados no tufo estalagmítico, apresentando todos uma profunda alteração, e achando-se alguns mesmo completamente petrificados.

Este depósito ministrou apenas um instrumento neolithico: a setta trapezoidal de silex que vae representada na fig. 10.

4. Considerações geraes

Todos os restos de ceramica encontrados nestas duas grutas apresentam a textura caracteristica da ceramica neolithica; o typo de decoração por pontos e linhas rectas, que se nota nos das figs. 2, 3, 4 e 11, em que aliás se revela bastante arte, é tambem caracteristica d'aquelle

período. Enquanto á fôrma dos vasos a que elles pertenciam, apenas podemos julgar pelo fragmento representado na fig. 11, o qual, como se pôde facilmente reconhecer, pertence a um vaso em fôrma de tulipa, analogo a outros encontrados no país, em estações do período neolítico, e de que é um typo muito perfeito um encontrado no dolmen de Mané-Bec-Portivi, em Quiberon¹.

A coexistência, nos mesmos depósitos, do mobiliário nitidamente neolítico, que recolhemos, e dos ossos humanos, levam-nos á conclu-

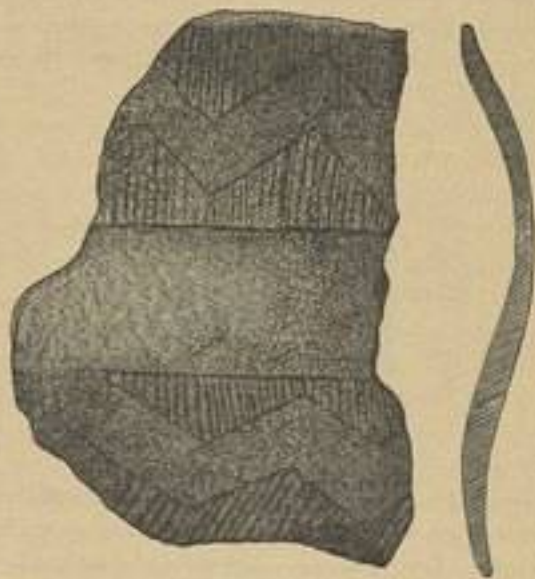


Fig. 11

são que estas duas grutas, como tantas outras, deviam ter servido de lugar de sepultura naquella período lithico.

Dada esta hypothese, é natural suppor que devesse ter existido não longe do Furadouro, e por certo em um ponto elevado, e em condições defensaveis, uma estação prehistorica, por ventura um *castro*, contemporaneo d'aquellas sepulturas. Não encontrámos, porém, vestigio algum da presuppuesta existencia d'esse *castro* nos pontos circumvizinhos do Furadouro que, pela sua natural disposição, no-la permittissem presumir. Sabe-se todavia que existiu uma estação neo-

¹ Musée Préhistorique, Mortillet, pl. LV, fig. 531.

lithica importante no ponto da Serra chamado o Castello de Pragança¹, e pôde suppor-se que tivesse existido outra no chamado Castello-Velho², no ponto sobranceiro á aldeia de Rocha-Forte. Ambas estas estações, porém, acham-se assáz afastadas do lugar onde foram exploradas as grutas, que foram chamadas do Furadouro.

MAXIMIANO APOLLINARIO.

Gruta do Sêrro do Algarve

A uns quatro kilometros aproximadamente, 6 a nordeste, da povoação da Mexilheira Grande, do concelho de Portimão, ergue-se um monte a que dão o nome de *Sêrro do Algarve*. Corre-lhe junto ao sopé uma ribeira conhecida pela denominação d'*A Mulher Morta*, denominação que lhe vem do facto de, segundo conta a lenda, ter alli sido encontrado o cadaver de uma lavadeira que assim fôra punida por haver violado o preceito divino, indo exercer o seu mister em uma quinta feira do Corpo de Deus. Ainda a horas de meio dia, affirmam os camponeses do sítio, se onve, a bastante distancia, o bater da roupa nas pedras, como a lembrar ás gerações o cumprimento da lei divina pelo castigo que recorda.

Mui perto do cabeça d'aquelle monte, e com exposição ao poente, encontra-se numa depressão do terreno a entrada da gruta, cujo nome serve de epigraphe a este artigo, a qual é constituida por um buraco por onde só se entra bastante curvado. Transposta ella achamo-nos numa sala, de fôrma aproximadamente conica, e cujo tecto é formado por várias ondulações, umas proprias da rocha, resultantes outras das estalactites que d'elle pendem: ao seu diametro na parte inferior deve ser de uns seis metros; a sua circumferencia de uns dezaseis, e a sua maior altura de uns quatro. Á direita existe um cavidade cuja profundidade se não pôde verificar por estar atulhada de pedras, sem dúvida alli lançadas pelos pastores, a qual péga com uma passagem ainda aberta e de pouca altura e extensão, e onde as estalactites, unindo-se ás estalagmites, formam verdadeiras columnas. O solo da sala de que

¹ Cfr. *O Arch. Port.*, I, pag. 5-6.

² Vid. *O Arch. Port.*, I, pag. 49 sqq.

se trata é constituído por uma grossa camada de terra vegetal para alli acarretada pelas aguas da chuva, pois que a sua entrada se acha inclinada em relação ao terreno circumjacente. Na sua parede-norte abre-se uma especie de corredor que segue na direcção noroeste e por onde se entra do pé para pouco depois se caminhar quasi sempre bastante curvado e nalguns pontos mesmo de gatas, em virtude de muitas pedras disseminadas por todo elle, algumas de consideravel grandeza, as quaes se nos affigurou terem-se desprendido do tecto. Calculámos nuns quarenta metros a extensão d'esse corredor que termina por uma grande fenda, incapaz porém de dar passagem a um homem, além da qual se percebe a sua continuação. A obra de metade d'este corredor ha outra cavidade de metro e meio de profundidade, que continúa depois, mas em pequena extensão. O tecto está totalmente coalhado de innumeras estalactites. É tão variado e caprichoso o seu aspecto, que a imaginação do povo vê nellas verdadeiras figuras humanas, que elle crê serem de moiras encantadas. Nenhum vestigio, é claro, apparece alli por onde se possa inferir ter infallivelmente sido habitada em epochas prehistoricas a gruta; a circumstancia, porém, de por todos aquelles contornos terem apparecido, em grande abundancia, artefactos de primitivas civilizações, junta á tradição de haverem alli vivido os Moiros, nome pelo qual o povo, entre nós, designa em geral quantos povos aqui deixaram monumentos bem visiveis de sua passagem, e mesmo a feição d'ella, levam-nos a crer que não deixariam de a aproveitar para sua morada os homens da idade da pedra. Affigura-se-nos até que em tão remotas eras a sua entrada seria conformada de modo que desse entrada a um homem do pé, e tanto a sala como o corredor que se lhe seguem teriam muito maior largueza e altura. Cremos, pois, que uma exploração bem dirigida não deixaria de encontrar alli provas bem evidentes da sua antiga adaptação a morada humana, quando não no solo actualmente existente, certamente sob a camada estalagnitica, como tem succedido em outras muitas grutas.

Lagos.

JOSÉ JOAQUIM NUNES.

«Não ha quasi mosteiro ou igreja antiga em que se não encontrem lapidas de diversas idades, mais ou menos bem conservadas, posto que muitas se destruirão já, ou se enterrarão em alicerces de obras».

JOÃO PEDRO RIBEIRO, *Reflexões historicas*, 1, 18.

A Philatelia

É evidente o rápido desenvolvimento que os estudos philatelicos tem tomado em todos os paizes; proclama-se já a sua singular importancia, como novo elemento de proficiente e amena cultura intellectual. Se é certo que as primeiras collecções de estampilhas postaes representavam simples curiosidade—às vezes, até passatempos meramente infantis, e exhibiam acondicionamentos mais ou menos gratuitamente phantasiados, não menos exacto é, que, em pouco tempo, alguns de taes agrupamentos deixaram transluzir um verdadeiro thesouro de factos, surgindo, então, os trabalhos de classificação e investigação systematica: e d'esta formalização de estudo, modestamente surgiu a *Philatelia*—ramo modernissimo dos fecundos estudos historicos, no qual ha tambem uma secção archeologica, como na Numismatica.

Com identica synthetisação de elementos esparsos várias outras sciencias nasceram:—à astrologia judiciaria seguiu-se a astronomia calculada, como à imaginosa theogonia a theologia erudita; anteriormente à sábia fixação dos estudos physico-chimicos, reinaram os alchimistas medievaes, buscando com as suas acções e reacções o fatidico rasto da encantada pedra philosophal; as proprias sciencias, que respeitam á organização e conservação da especie humana, a anatomia, a pathologia, a hygiene e a therapeutica actuaes, tambem não eram assim nos tempos de Hippocrates e Galeno; do magnetismo animal brotou o hypnotismo de agora, succedendo-se aos nomes de Mesmer e Puysegur os de Braid e Charcot. Illusões de ontem, verdades de hoje!—pessimo systema é o das negações *a priori*.

Pois á mesma lei de perfectibilidade logica se vão subordinando os modernos estudos *philatelicos* com o vasto alcance historico, que as edades futuras lhe hão de conhecer e acatar. Uma collecção de estampilhas postaes pôde ser mera curiosidade ou luxo para um profano, e, todavia, para o homem de sciencia pôde valer um arsenal diplomatico, que lhe recorde e perpetue assignaladas revoluções politicas e sociaes. A incipiente *philatelia* não faltam livros revistas, e catalogos no seu genero; tem já uma litteratura sua.

A este proposito, recommendamos os jornaes distinctos na especialidade, como são os seguintes: *Deutschen-Briefmarken-Zeitung*, de Allemanha; *Intermédiaire de la Timbrologie*, de Paris; *Monthly Journal*, de Inglaterra; e *Roma Filatelica*, de Italia.

Louvamos os philatelistas, que, em suas estudadas selecções, procedem com uma orientação verdadeiramente scientifica.

Tudo, com effeito, pôde ser alvo de sciencia cujo objecto geral é a verdade, isto é, o ser, na multiplicidade de fórmulas e manifestações, e nas condições da sua legitimidade. Mas a sciencia não consiste na agglomeração de factos simplesmente juxtapostos; é um todo organico, articulado, onde os assumptos se ligam e enleiam, — um systema em que as noções, em seu encadeamento logico, são a evolução de um determinado principio.

O saber é immenso como o universo que pretende abarcar, e, como elle tem o seu centro em toda a parte.

Faro.

Monsenhor Conego — J. M. PEREIRA BOTTO.

Archeologia¹

Pulpito da Igreja de Jesus em Setúbal. — Projecto de um Museu Archeologico em Setúbal

O sr. Jannario da Silva, provedor da Misericordia, mandou restaurar um antigo pulpito, que estava inutilizado na cêrca contigua á igreja de Jesus.

É de marmore da Arrabida, como o portico, janellas, columnas e laçaria do tecto da dita igreja.

Devia ter sido posto em desuso quando se fez o que ainda existe na mesma igreja com bellos labores de talha dourada.

O pulpito em restauração, se não se torna notavel como obra de arte, merece aprêço pela sua antiguidade.

Ao traçarmos estas linhas occorre-nos a ideia de que, pela pouca altura do supporte do mencionado pulpito, poderá julgar-se que elle tivesse servido não na igreja, mas no refeitório do convento ao qual ella pertencia, antes d'esse refeitório ser reconstruido e de se collocar o pulpito que lá está e parece relativamente moderno.

A não ser fundada esta hypothese, e querendo-se optar pela de que o pulpito agora em restauração estava na igreja, é forçoso admittir que a sua base deveria ser mais alta do que aquella em que actualmente assenta.

Seja como for, applaudimos a resolução do sr. provedor da Misericordia.

¹ Este artigo foi primeiro publicado em *O Elmano*, n.º 317, de 21 de Abril de 1897 (sem o nome do auctor).

Consta-nos não estar ainda escolhido o lugar em que ha de ser posto o sobredito pulpito, por isso pedimos licença para lembrar quanto elle ficaria bom na casa chamada do capitulo.

Essa casa, que abre para o formoso claustro de caprichosa arcaria, e onde jaz a fundadora do convento, Justa Rodrigues Pereira, ama d'el-rei D. Manuel, é, pela sua construcção e mais condições, apropriada para servir de museu de objectos antigos que ali se poderiam recolher, sendo o primeiro o vetusto pulpito.

Alguns capiteis, fustes, misulas, azulejos antigos e outros objectos dignos de conservar-se, e que se encontram dispersos pela cêrca e officinas, poderiam ser alli convenientemente guardados.

Assim se formaria o nucleo de um museu onde se iriam reunindo outros objectos proprios para nelle terem cabimento, entre os quaes não seria talvez difficil fazer figurar alguns exemplares de ceramica romana, e alguns instrumentos prehistoricos dos achados nas terras da Quinta do Anjo e Barris.

Virá tardia a obra da qual apresentamos a ideia inicial; mas visto que deixaram ir para fóra de Setubal tantos objectos de valor artistico e archeologico, incluindo os tirados da vizinha Troia, e entre esses até a estatua romana, por tantos annos embutida no angulo do antigo palacio dos Salemas, façamos o possivel para reunir ainda o que restar, sem renunciar á esperanza de readquirir o que levaram.

Setubal.

MANUEL MARIA PORTELLA.

Museu Municipal de Bragança

Para este Museu, ha pouco fundado pela Camara Municipal de Bragança, entraram os seguintes objectos:

SECÇÃO ARCHEOLOGICA:

a) *Epocha prehistorica*:

Quatro machados de pedra, da epocha neolithica, encontrados no termo de Argozello;

Um fragmento de um machado de cobre, achado no mesmo termo;

Um fragmento de objecto de bronze, idem;

Um pequeno objecto de cobre, encontrado no sitio da Cocalha, termo de Angueira.

b) Epocha romana:

Tres inscripções romanas, encontradas no castro de Sacoias;

Um pêsso de pedra (romano?) encontrado no mesmo castro;

Cinco moedas romanas, uma das quaes de um imperador do Oriente;

Uma moeda cunhada pelo municipio de *Bilbilis*, achada nas ruinas do castro de Alimonde;

Uma dita, tendo numa das faces a figura de Diva Faustina, mulher do imperador romano Marco Aurelio, encontrada no termo de Argozello;

Alguns fragmentos de louça e tellia, do castro de Alimonde.

c) Epocha portugueza:

Setenta e quatro moedas de diferentes reinados, sendo doze de prata e as restantes de cobre;

Um camafeu, tendo o busto de um dos duques de Bragança, encontrado nuna entulhos, na Estacada;

Uma pedra, notavel pelo trabalho que apresenta, achada no limite da Soalheira, de S. Miguel e onde ha vestigios de povoação antiga;

Uma interessante alabarda, encontrada em Val da Madre, de Mogadouro;

Um fragmento de louça, com ornatos, encontrado nos valles de uma povoação extinta, termo de Argozello;

Um escapulario, muito curioso e interessante, encontrado nas ruinas do castello de Mogadouro;

Um fragmento de uma espada, encontrado no limite da Soalheira, de S. Miguel;

Um laço usado pelos liberaes quando entraram em Lisboa.

*

Alem d'estes objectos, entraram mais os seguintes pertencentes a esta secção:

Uma medalha de cobre de Luiz XVI, encontrada em Miranda;

Uma moeda de cobre inglesa;

Duas moedas de cobre hespanholas;

Tres valiosos pentes de tartaruga, do tempo do Imperio.

*

Para a secção de ARTES E INDUSTRIAS entraram varios artefactos, e para a de HISTORIA NATURAL alguns exemplares mineralogicos.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

91. Cambra¹ (Beira)

Torres antigas

«Há nesta freguezia junto ao lugar de Cambra debaixo hum torre muito antiquissima e muito alta, que nam ha noticia do seu fundamento junta ha Irmida do Spirito Santo que se colhe alguma dos habitantes que no dito citio havia hum palacio e cazas nobres, e que o tal citio hera conto e azilo dos que heram preseguidos para militares e criminosos ahonde se recolham e viviam com o seguro da sua liberdade e junto a dita torre esta hum carvalho tambem antiquissimo etc.». (Tomo VIII, fl. 360).

«Ouve no lugar de Caveyros debayxo huma torre cujo citio se chama inda hoje citio da torre em cujo citio ha fazendas foreiras e cazais que pagam os foros á caza da Cavalaria da Villa de Vouzella² distante deste citio huma legoa. Esta se acha disrupa e com poucos vestigios do seu fundamento etc.». (Tomo VIII, fl. 361).

92. Cambres (Beira)

Objectos encontrados. — Crasto. — Minas de estanho

«He a base, principio e fundamento desta freguezia de Cambres, nome este que addequerio do tempo que os mouros a pessuirão; pois nella fizeram habitassam, o que não só consta por tradissam, mas tñbem se colhe porque haverá sessenta annos, que em hum cabeço que sobre iguala a Igreja matris desta freguezia hum tiro de espingarda, ao nascente appareceram algũas prendas, que bem mostravão ser despojos daquella barbara naçam. Couzas que appareceram do tempo dos mouros. Huma bigorna, das que os ferreiros uzam no apurado exercicio das suas fabricas a qual não servio de pouca utelidade temporal ao comprador, pois assi que o fes sua, deixado logo o ofício, se mostrou

¹ Provirá este nome de *Calambria*, nome de povoação citado nos *Port. Mon. Hist.*?

² Nos *Port. Mon. Hist.*, pag. 272, encontra-se o seguinte: «vaucella subius mons aguto territorio alahonense discurrere ribulo uouga»; parece portanto vir *Vouzella* de *Vouga* assim como *Vizella* (*Avicella*) de *Ave*.

tam abundante de cabedões, que deo forçosos motivos, para se conjecturar hera de ouro; porque achandosse tãobem naquelle citio huma eixada, com que as terras se costumam cortar se achou ser de bella prata. Apareceram mais algũs alfinetes de fino ouro na sua grandeza mayores que os de toucar e outros trastes, que os cultores das vinhas daquelle citio chamado Chrasto com o seu cothediano trabalho casualmente descobriram. Já havia maes annos tinha apparecido hum sino de admiraveis metaes que ainda hoje serve de cuidadoso despertador dos ouvidos e corações catolicos, e reclame spiritual para os officios devinos; e ainda que com augmento de metaes na segunda fundissam em altas e bem concertadas vozes publica a qualidade excellente de seus primeiros». (Tomo VIII, fl. 365).

«..... em hum citio chamado Penna Curva houve minas de estanho que se ficharam por ordem que veyo de Lisboa naquelle tempo. (Tomo VIII, fl. 389).

93. Campanhã (Entre-Douro-e-Minho)

Minas. — Etymologia popular. — Bulhões

«..... para a parte do Nascente algũa parte da freguezia de sam Verissimo de Valbom e tambem o monte ou outeiro do Crasto, da freguezia de são Cosme.....; e he a dita serra (*de Santa Justa*) bem conhecida, não só pella sua eminencia mas tambem pellas minas de ouro que nella descobrirão os mouros quando no anno de 714 depois de vencido D. Rodrigo, ultimo Rey dos Godos occuparão a nossa Espanha; e ha poucos annos mostrou esta verdade a experiencia, quando com licença de Sua Magestade no anno de 1717 tirarão os Ministros pellas mesmas antigas gruttas ouro de finissimos quillates, ainda que não continuarão o emprego por não corresponder o lucro ao trabalho e despeza». (Tomo VIII, fl. 400).

«..... tomando o primeiro (*título de Santa Maria de Campanhã*) e juntamente a terra (conforme a tradição vulgar) do sítio de hũa campanha¹; onde depois [depois] de vencidos os mouros pellos Christãos foi achada a Imagem da Senhora que he de pedra. (Tomo VIII, fl. 401).

«O sítio do acampamento dos dous exercitos Christãos e Barbaros, dizem alguns vellos ainda existentes, que foi da preza velha que está no lugar ou aldea da Formiga até a Quinta da Chyna, onde hoje exis-

¹ Num doc. do anno 1058 (*Port. Mon. Hist., Dipl. et Chartae*, pag. 251) vem a seguinte noticia «villa Campaniana sub alpe Castro Gendemari».

tem ainda algumas memorias das Trincheiras e ataques¹ que as que acordarão os ditos velhos na preza velha e Quinta do Prado os forão desfazendo os Lavradores para cultivarem as terras, quando não bastara a diuturnidade dos tempos para consumillas etc». (Tomo VIII, fl. 402).

94. Campo (Alemtejo)

Relíquias da antiga povoação

«..... estão dezanexados da Igreja [os beneficiados], e rezão as horas canonicas na Igreja vizinha de Santa Maria de Evoramonte, e o Prior não tem obrigação de choro; e isto por cauza antiquissimas, que se não sabem, mas prezumesse forão guerras que destruirão a terra (a qual he tradição constava de 600 vizinhos, e estava situada na raiz do monte ao pé da Igreja, e ahinda hoje se vem alguns vestigios e ali-cesses) e deixarão o castello no alto do monte, onde está plantada a pequena villa de Evora Monte». (Tomo VIII, fl. 468).

95. Campo¹ (Entre-Douro-e-Minho)

Relíquias no Casal Velho. — Caracteres desconhecidos

«Ha tradição que esta Igreja estivera algum dia no sitio, ou lugar, que hoje se chama Casal Velho, aonde se achão vestigios disso, como são muitos tijollos, e sepulturas que lá apparecerão enterradas; e que nesse tempo era esta freguezia mixta e unida á de São Thiago do Couto, que he hoje annexa a esta; porem outros affirmão que fora ali convento de Freyras, e que morrerão todas de ver um basilisco»². (Tomo VIII, fl. 474).

«Foy esta Igreja em outro tempo Abbadia; e não só por documentos antigos, mas tambem por hũa inscripção que se achou em hum tumulo, que estava mettido na parede antiga da dita capella das Almas, se colhe ser o ultimo Abbade della hum Jorge de Miranda, que flo-receo na era de 1508 etc.». (Tomo VIII, fl. 476).

¹ A lenda da expulsão dos mouros da provincia d'Entre-Douro-e-Minho vem já apontada no *Nobiliário* do Conde D. Pedro (*Port. Mon. Hist., Script.* 277) na historia do rei Ramiro e conquista de Gaia, onde se diz de Cid Abouzar que «fez muitas lidas com mouros, e tirouos de Sam Romão e de Crasto d'Aucoso e de Crasto de Gondomar e de Todea, etc.» Cfr. o n.º 69 d'esta collecção.

² Comarca de Barcellos.

³ Numa capella nos arredores de Santarem conserva-se um basilisco de metal, chamado vulgarmente *basilisco* ou *badalisco*, em memoria de certo caso. No sec. XVI dava-se o nome de *basilisco*, assim como o de *fulcão*, a uma variedade de bombarda.

«Nas paredes da Igreja velha, que havia antes da nova, que hoje existe havia hũa inscripção ou hũa pedra, que a incuria dos pedreyros sepultou nos alicerces da nova, a qual tinha uns caracteres, que nunca ninguem pode ler, e ao pé delle hũ tumulo lavrado com bastante primor». (Tomo VIII, fl. 477).

96. Campo¹ (Entre-Douro-e-Minho)

Cavidades na Serra de Vallongo

«Dizem huns que muytos fojos que ha na dita Serra (*de Vallongo ou S. Martinho*) *de quibus infra*, forão feytos por quem tirava ouro, o que se lhe impedira pella Real Magestade, outros que ficaram feytos pellos Mouros». (Tomo VIII, fl. 508).

«Fojos. Convidey a dous homens a que me fossem examinar a parte da Serra a que chamão de Valongo ou Santa Justa quanto ao districto e lemte desta freguezia athe adonde faz bayxa por donde atravessa o dito rio Ferreyra, e acharão que entre muytos fojos que nella ha os mais notaveis são 113 de altura pouco mais ou menos huns de 40 outros de trinta, e outros de vinte braços. E outros dous homens que forão examinar a mesma Serra desde o dito Rio athe a dita Cova ou Pia de São Martinho, entre outros acharão mais notaveis e altos 208 fojos de altura de trinta e vinte braços, pouco mais ou menos, e que alguns mostravão que no fundo fazião passagem de huns para outros». (Tomo VIII, fl. 510).

97. Campo de Gerez (Entre-Douro-e-Minho)

Defesa popular da fronteira. — Estrada romana da Geira

«Não he a freguezia murada, tem sim hũ muro na caza da Guarda chamado o Corpo da mesma Guarda e outros lhes dão o nome da Trincheyra, reparado á poucos tempos; e este he o lugar e donde os Concelhos da Terra de Bouro, Santa Martha de Bouro, Couto de Souto, fazem o seu corpo da Guarda. Não tem torres, nem castello, porem proximo ao dito muro distancia de meyo carto de Legoa se achão penhas de bravos penedos tam fortissimos e inexpugnaveis a mayor violencia dos inimigos, e logo ao pé da mesma Trincheyra, está hũa Caza, que serve de recolhimento aos que guardão a pasage, e passando a via militar da Geira entre a dita Trincheyra, e a portela de Homem

¹ Comarca de Penafiel.

está hum muro aruinado por ser mudado este para milhor furtificação no sitio aonde de presente se acha». (Tomo VIII, fl. 525).

«Esta Igreja de São João do Campo que se acha proxima a residencia teve algum dia o seu principio na veiga de São João, da qual foy mudada para o lugar donde se acha pela informação que me deu o dito Padre [*José de Mattos Ferreira*] o qual dizia assistirão naquella sitio os Cavalleiros Templarios, e ainda hoje se estão vendo no mesmo sitio paredes e tijolos tudo proximo a via militar per donde se achão quantidade de Padrons de pedras huns inteyros, e outros levantados, com os seus caratheres que o dito Padre copiou com a declaração do que dizião que remeteo a Dom Jeronimo Contador de Argote dando noticia de toda a estrada que pessoalmente andou athe chegar a Cidade de Lugo do Reyno de Galliza». (Tomo VIII, fl. 538).

98. Campo Maior (Alemtejo)

Rainha. — Fragmento d'uma inscripção romana

«Neste citio estão humas columnas de pedra a obra que parece ser dos Romanos com varios caratheres que já se não podem ler e apenas em hũa dellas se percebe a palavra EMERITENCIS (*sic*) e o tempo tem descoberto neste lugar outros sinais de edificios». (Tomo VIII, fl. 572).

99. Canal (Alemtejo)

Logar onde houve um templo attribuido a Venus. — Torre de Viriato (lenda)

«Nesta Eminencia está a Ermida de São Gens no mesmo lugar situada em que a Idulatria tinha collocado hum Sumptuoso templo consagrado a Deusa Venus: vai a esta Ernida huma Romaje em 25 de Agosto, em que se festeja como advogado contra o pulgão: he grande o concurso de gente de todas as povoaçoys vizinhas nelle assiste hum Ermitão em huma caxinha proxima a Ermida: teve esta grande ruina [em 1755] por cauza de cair sobre ella a parte de huma grande torre, a que está chegada; porem ia esta retificada». (Tomo VIII, fl. 598).

«..... ha no seu distrito huma torre munto antiga, proxima a Ermida de São Gens de que ia falamos; chamaçe a torre da Vegia, por servir de Atalaya daonde o grande Veriato Luzitano observava todo o movimento dos Romanos quando se retirou a esta Serra (*de S. Gens*) a esperar ocazião de combater com seus exercitos pello terremoto de 1755 ficou totalmente demolida e deribada a quarta parte da dita torre e assim se conserva». (Tomo VIII, fl. 599).

100. Candedo¹ (Trás-os-Montes)

Sepulchros dos mouros

«No alto desta Serra (*do Eivado*) aonde chamam as Campas-do-Ladrilho de cuja eminencia se descobrem varias terras e concelhos e como sam de Ansiains, o de Villa Frol, Villas Boas, Frechas, Mirandella, Bragança, Chaves, Lamas e Abreiro, Alfarela e Alijó e Favaio do bispado de Miranda e a Serra de Bornes de Monte Mejo que dista desta seis Leguas e no mesmo sitio se acham humas campas de pedra onde dizem antiguamente se enteravam os moiros e na mesma Sera em alguns boqueirões abertos que dizem eram dos moiros que dizem aestiam na Sera de Lamas de Orilham que está defrente desta huma Legua». (Tomo VIII, fl. 642).

101. Candomil (Entre-Douro-e-Minho)

Achado de moedas

«No Anno de 1750 no citio chamado as Chans (?) que he huma Tapada do paçal desta Igreja cauando hum homem debaxo de hum penedo por acazo se achou grande coantidad de moeda sem ser ouro nem prata nem cobre ao parecer como bronze, a moeda do tamanho dos de trez, sinco e dez Reis de agora, de huma parte da moeda com suas Armas e Letreiro que se nam pode ler, e da outra parte em algumas pintado um homem de cavalo, e outras huma cara de homem, parece ser moeda que correço no tempo dos Romanos, godos ou mouros, nam se pode dereter o metal por diligencias que me dizem algumas peçoas fizeram, nam foi util pera nada. Neste mesmo citio ha huma Ruina antigua que dizem os naturaez ser de huma Capela, invocação de Sam Domingos que ainda conçerna o nome, os edificioz da Ruina mostram ser de coiza maior». (Tomo VIII, fl. 658).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

«as ruinas do passado..... são a historia, são a fé, são a indole das gerações extinctas».

C. CASTELLO BRANCO, in *Museu Illustrado*, 1, 200-201.

¹ Termo de Murça. Murça chamava-se antiguamente *Mossa* ou *Muca*.

Aquisições do Museu Ethnographico Português

55. O Sr. Gabriel de Almeida Santos offereceu ao Museu:

- a) tres machados de pedra polida achados em Sacavem;
- b) diversos fragmentos ceramicos ornamentados, da necropole do Val de S. Martinho (Sintra).

Cfr. os n.^{os} 42 e 56 das *Aquisições* do Museu.

56. Da necropole do Val de S. Martinho, explorada pelo Sr. Maximiano Apollinario (vid. *O Arch. Port.*, II, 210 sqq.), vieram para o Museu os seguintes objectos:

- a) varios fragmentos de vasilhas de barro ornamentados;
- b) quatro facas de sílex, e dois fragmentos de outras;
- c) uma ponta de lança de sílex;
- d) uma ponta de setta;
- e) uma conta de ribeirite;
- f) varios objectos de calcareo e de osso, que, somados com os que offereceu o Sr. Manuel José de Oliveira (vid. *O Arch. Port.*, II, 160, n.^o 42), perfazem o numero de dezanove, sendo 14 de calcareo e 5 de osso, — cujos typos estão quasi todos mencionados n.*O Arch. Port.*, II, 210 sqq.
- g) um pequeno instrumento de pedra (mão de mó?);
- h) um machado de pedra polida.

57. A Ex.^{ma} Sr.^a D. Rita Sebastiana Celorico Palma, dos Colgadeiros (Mertola), offereceu sete botões de madeira (industria pastoril alentejana).

58. O Sr. Francisco Silvestre de Sousa Rocha, de Castro-Marim, offereceu ao Museu o seguinte:

- a) um sello pendente, de chumbo;
- b) um *dinheiro* de D. Dinis;
- c) cinco ceitis, — de D. Affonso V (tres), de D. Manoel e de D. João III.

59. Recolheu-se no Museu uma ponta de setta de sílex, proveniente da anta do Freixo, arredores de Evora, propriedade do Sr. Duque de Palmella.

60. O Sr. Dr. Felix B. Alves Pereira, dos Arcos-de-Val-de-Vez, offereceu um par de brincos de vidro (industria popular minhota).

61. Entrou a lapide romana, de Caparide, cuja inscripção se publicou a pags. 248-249 do vol. I d-*O Archeologo Português*. Adquirida por compra.

62. O Sr. Julio Navarro, estudante, offereceu tres instrumentos de pedra polida provindos de entre Parede e Carcavellos (arredores de Lisboa).

63. Adquiriu-se por compra a cabrinha de bronze cuja estampa se publicou a pag. 296 do vol. I d-*O Archeologo Português*.

64. O Sr. José Maria Pereira offereceu ao Museu os seguintes objectos:

a) um grande-bronze de Domiciano, apparecido na freguesia de Aguas Bellas, sitio da Decumbada (Ferreira do Zezere);

b) um grande-bronze de Hadriano, apparecido no concelho de Ferreira do Zezere;

c) tres reaes de D. João III;

d) um *dinheiro* de D. Affonso IV (Vide Aragão, n.º 2);

e) uma medalha christã (de Santo Anastácio).

65. O Sr. P.º José de Almeida e Silva, de Aldeia, freguesia do Pindo (Penalva do Castello), offereceu-me:

a) dois machados de pedra polida encontrados nos arredores d'aquella povoação;

b) um machado da mesma natureza, provindo dos campos da Moradia (Penalva do Castello).

66. Entraram:

a) um machado de pedra polida, provindo dos campos das Lamas (Sátão);

b) outro dos campos das Infias (Fornos de Algódres);

c) um rebolo de pedra polida (percutor), que actualmente servia de pêso na Queiriga (Sátão);

d) um machado polido dos arredores do Casal-da-Serra (Figueira da Foz).

67. O Sr. João Patricio de Albuquerque e Castro e seus irmãos, de Esmolfe (Penalva do Castello), offereceram-me:

a) tres machados de pedra polida, encontrados nos arredores d'aquella aldeia;

b) o fragmento de uma inscripção romana inedita, com o nome de um deus indigena;

c) um *vestigium*;

d) uma colhêr de chifre, feita pelos pastores da Serra da Estrella.

68. Entraram os seguintes objectos:

a) doze facas de silex, e sete metades de outras;

b) cinquenta pontas de setta de silex, e tres metades de outras;

c) tres grandes fragmentos de lanças de silex;

d) um nucleo de crystal de rocha;

e) quinze machados de pedra polida, e metade de outro;

f) dois percutores de pedra arredondada;

h) seis testos de granito, sendo um provido de cabo;

i) dois vasilhos de barro quasi inteiros; um grande com uma falha; muitos fragmentos de outros, sendo um com ornamentação pontuada;

j) um pequeno disco de pedra;

k) um pedaço de pedra, que parece estar talhada para depois se fazer d'ella um machado;

l) uma pedra de afiar instrumentos;

m) um machado de pedra, com um sulco transversal;

n) quatro pedras excavadas e polidas (segundo creio, de polir instrumentos).

Todos estes objectos foram achados na *orca* (dolmen) do Tanque, ao pé do Carvalhal (concelho de Sátão), explorada por mim em Setembro de 1896. Ali appareceram tambem uns objectos de barro, um inteiro e outro fragmentado, que pertencem á epocha romana, e por tanto são muito mais modernos que os primeiros. A epocha do dolmen era puramente neolithica, como outros da mesma região.

69. Entraram os seguintes objectos:

a) dois vasos de barro quasi inteiros, e quatro grandes fragmentos de outros;

b) um grande machado de pedra;

c) uma ponta de setta de silex, e uma ponta de setta de crystal de rocha;

d) um fragmento de faca de silex;

e) dois nucleos de crystal de rocha;

f) tres pequenas contas de schisto;

Todos estes objectos provêm da *orca* (dolmen) de Forles, no concelho de Sátão, explorada por mim em Setembro de 1896. Epocha neolithica.

70. Entraram na Museu duas pequenas pedras afieiradas, cujo uso não será fácil indicar, e uma pedra excavada e polida, que terá servido de alisar instrumentos de pedra: provém da *orquilha* (pequeno dolmen) da Bouça, ao pé do Carvalhal, concelho de Sátão, explorada por mim em Setembro de 1896. Nella appareceu tambem um fragmento de barro romano.

71. Entraram os seguintes objectos:

- a) sete machados polidos e dois fragmentos de outros;
- b) um machado polido com um furo no cabo;
- c) uma pequena pedra arredondada e lisa;
- d) um vasilho de barro.

Objectos provindos da *orca* (dolmen) do Fojinho, ao pé da Queiriga, concelho de Sátão, explorada por mim em Setembro de 1896.

72. Entraram os seguintes objectos:

- a) tres pontas de settas de pedra, sendo uma inteira e duas quasi inteiras;
- b) um pequeno estilhaço de sílex, e dois pequenos estilhaços de crystal de rocha, sendo um, ao que parece, afieirado para vir a servir de ponta de setta; fragmentos de vasos.

Objectos provindos da *orca* de Cortiço de Algôdres, concelho de Fornos de Algôdres (1896).

73. Entraram os seguintes objectos:

- a) nove vasos de barro, sendo dois ornamentados; e fragmentos de outros;
- b) quatorze testos de granito;
- c) oito instrumentos de pedra (de granito e de seixo) arredondados, que parece terem sido percutores;
- d) uma faca de sílex;
- e) seis pedras de granito excavadas e polidas (segundo penso, pedras de polir instrumentos).

Tudo isto provém da *orca* dos Juncaes, ao pé de Queiriga (Sátão), explorada por mim em Setembro de 1896. Ahí appareceram tambem alguns fragmentos de barro romano (tegulas).

74. Entraram:

- a) um machado de pedra;
- b) uma pedra excavada e polida, que terá servido de polir instrumentos de pedra.

Provém da *orquilha* dos Juncaes (pequeno dolmen), situada a poucos metros de distancia da orca mencionada sob o n.º 71, e explorada por mim em Setembro de 1896.

75. Entraram mais:

- a) um testo de granito;
- b) uma pedra de afiar;
- c) uma ponta de setta, e parte de outra;
- d) fragmentos de vasos de barro.

Objectos providos da orca do Seixinho, ao pé da Queiriga (Sátão), explorada por mim em Setembro de 1896.

76. Entraram mais:

- a) um nucleo de crystal de rocha;
- b) um testo de granito;
- c) fragmentos de vasos de barro.

Objectos providos da orca das Corgas da Matança (concelho de Fornos de Algodres), explorada por mim em Setembro de 1896. Appareceu outro testo que se perdeu. Em uns campos proximos encontrou-se, e foi recolhido no Museu:

- d) um machado de pedra polida.

77. Entraram tres pedras excavadas e alisadas, que terão servido de agugar ou polir instrumentos de pedra. Provém dos dolmens dos Amiaes e Alcaide de que se fallou nas *Acquisições do Museu*, n.º 5 (*Arch. Port.*, I, 218-219).

78. Entrou um machado de pedra polida, proveniente de uma das orcas do sitio das Antas, ao pé de Queiriga (Sátão), exploradas por mim em Setembro de 1896. Tambem entrou um pedaço de schisto que poderá ter servido de testo.

79. Entraram mais:

- a) parte de uma estátua romana de marmore;
- b) uma pedra esculpturada romana.

Objectos provenientes da Granjinha (Chaves).

80. Entraram no Museu dez ex-votos de madeira, que representam animaes, — e mãos, braços, pernas e pés humanos. Provenientes de santuarios rusticos da Beira-Alta.

J. L. DE V.

Bibliographia

REVISTA DE SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES, V, n.º 17.—Artigos que podem interessar aos leitores d-O Archeologo:

O indigena de Satary, estudo anthropologico, por Fonseca Cardoso. O A., que serviu como official do Exército na ultima campanha da India, teve tempo, entre o zumbir das balas e o fumo da polvera, para se entregar aos seus estudos prèdilectos, e contribuir com uma interessante monographia para o progresso das sciencias anthropologicas: honroso exemplo, digno de imitação e elogio!

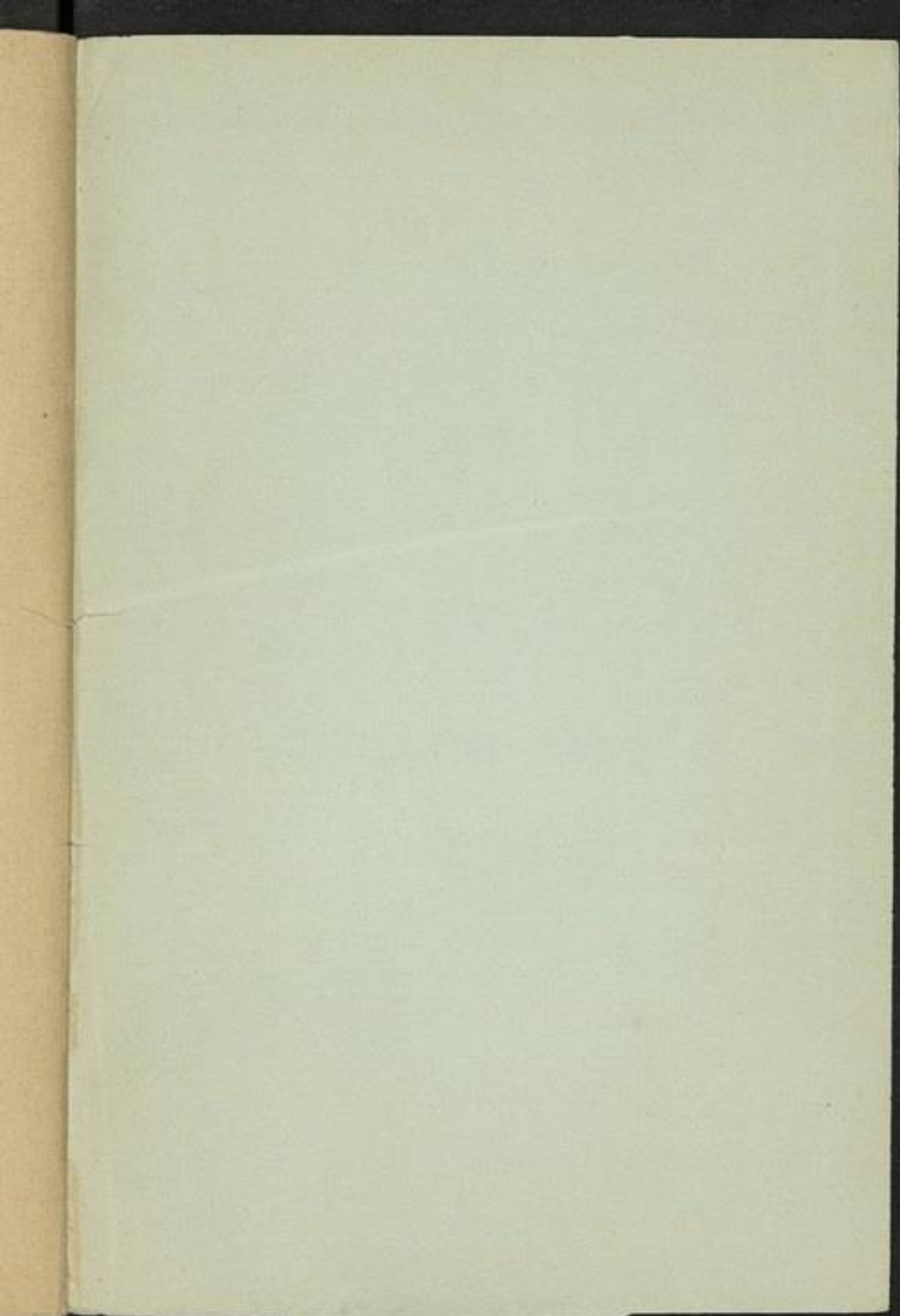
Alguns vestigios da epocha do cobre colligidos no Museu Municipal da Figueira, por Santos Rocha. Dando noticia da existencia de alguns machados chatos de cobre que existem no Museu da Figueira, o sr. Santos Rocha procura apoiar a ideia da existencia de uma idade do cobre distincta da do bronze. — D'este assumpto trato tambem, embora summariamente, nas *Religiões da Lusitania*, I, 70-80.

A Anthropometria no Exército, por Rocha Peixoto. O A. resume o pouco que em Portugal se tem feito no campo da anthropologia, e termina por apresentar, a proposito da necessidade dos estudos anthropometricos, o alvitro de ser aproveitado para taes estudos no Exército o tenente Fonseca Cardoso, auctor da citada memoria sobre o indigena de Satary, alvitro que julgo inteiramente sensato e opportuno, porque, para todos os estudos, convem sempre escolher individuos dedicados de alma e coração a elles, e alem d'isso já adestrados. — A proposito do que o A. diz da cadeira de Anthropologia na Universidade de Coimbra, notarei que nesta cadeira, confiada á regencia do illustre Lente o sr. Dr. Bernardino Machado, se realizam trabalhos praticos, e que ainda ha pouco um dos alumnos escreveu uma memoria, que vae publicar, á cêrca do indice cephalico dos Portugueses.

Estação chelleana do valle de Alcantara, por Fonseca Cardoso. O A. responde a uma critica do auctorizado geologo o Sr. Paulo Choffat, a quem trata um pouco duramente.

Canções populares da Beira (de Pedro Fernandes Thomás), noticia por Rocha Peixoto, a qual porém se reduz a meros cumprimentos ao auctor do livro.

J. L. DE V.



EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno	15500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a J. A. Dias Coelho, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

A venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.